

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

SAULO RIBEIRO

**A TEOLOGIA SACERDOTAL NO PENTATEUCO E EM ESPECIAL NO CICLO DE
ABRAÃO**

Goiânia
2020

SAULO RIBEIRO

**A TEOLOGIA SACERDOTAL NO PENTATEUCO E EM ESPECIAL NO CICLO DE
ABRAÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Pe. Me. Silvio Rogério Zurawski, no segundo semestre de 2020.

Goiânia
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que, na sua infinita bondade e amor, me chama todos os dias a ser sal da terra e luz do mundo rumo ao sacerdócio, mesmo sabendo de todas as minhas limitações.

A Dom Washington Cruz arcebispo de Goiânia que como pastor acreditou na minha vocação, me ajudando a interpretar de forma sábia a vontade de Deus em minha vida, pelos sinais que apresentaram a minha história.

Ao professor Mariosan, que por seu amor as ciências bíblicas, fez com que eu aderisse essa dimensão do curso de teologia para concretizar a minha monografia.

Ao Padre Silvio, que devido aos problemas contingentes circunstanciais, aceitou de última hora assumir a orientação de minha monografia.

Aos demais professores da PUC Goiás, que contribuíram de um modo ou de outro para a minha formação teológica

A pesquisa exegética não pertence ao mundo do útil e, menos ainda, ao mundo do inútil. Faz parte de uma terceira categoria, talvez mais importante, a das coisas que têm valor em si mesmas. A beleza tem um valor em si mesma, assim como o saber, em particular quando se trata de compreender melhor a Escritura, uma das fontes tanto da nossa civilização como da nossa fé. Estamos no mundo da gratuidade e não da utilidade.

(Jean-Louis Ska)

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo sobre a teologia sacerdotal no ciclo de Abraão. Conforme a exegese bíblica moderna, a partir de pesquisas minuciosas, essa teologia teria sido elaborada pelos sacerdotes da nação israelita durante o período do exílio na Babilônia. Dado que, devido a derrocada de Israel pela Babilônia, o povo estava perdendo consideravelmente a sua identidade religiosa, sendo esta, o fundamento de sua existência, pois na fidelidade ao Deus que se manifestara no Sinai foi onde se constituiu a unidade do povo Israelita. Deste modo, os sacerdotes partindo dessas premissas elaboraram uma teologia utilizando a figura de Abraão para unificar o povo fragmentado por causa do exílio ao qual estavam submetidos.

Palavras-chave: Descendência; Terra; Aliança; Tradição; Abraão; Moisés

ABSTRACT

This work consists in a study on priestly theology in the cycle of Abraham. According to modern biblical exegesis, based on thorough researches, this theology would have been elaborated by the priests of the Israelite nation during the period of exile in Babylon. Considering that, due to the Israel's downfall by Babylon, the people were losing their religious identity considerably, this being, the foundation of their existence, because in the fidelity to the God that had manifested in Sinai it was where the unity of the Israelite people was constituted. herefore, the priests departing from these premises developed a theology usinTg a figure of Abraham to unify the fragmented people because of the exile which they were classed.

Keywords: Descent; Earth; Alliance; Tradition; Abraham; Moises.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 TEOLOGIA SACERDOTAL NO CICLO DE ABRAÃO	12
1.1 INDEPENDÊNCIA DA TRADIÇÃO SACERDOTAL	14
1.2 AS TRADIÇÕES ANTIGAS E A CONTRAPOSIÇÃO SACERDOTAL.....	17
1.3 FINALIDADE DA DESCENDÊNCIA A PARTIR DA CRIAÇÃO.....	21
1.4 IMPORTÂNCIA DO CICLO DE ABRAÃO	23
1.5 RUPTURAS	25
2 RELAÇÃO POSSIVEL ENTRE OS LIVROS DO GÊNESIS E DO ÊXODO	29
2.1 ÊXODO E POSÍVEL RELAÇÃO COM O GÊNESIS	29
2.2 TEXTOS NÃO SACERDOTAIS NO LIVRO DO ÊXODO	32
2.3 OS TEXTOS SACERDOTAIS NO LIVRO DO ÊXODO.....	34
2.4 O SIGNIFICADO DA TERRA PARA ISRAEL A PARTIR DOS PATRIARCAS	38
2.5: O LUGAR DOS PATRIARCAS NO GÊNESIS COMO PRÓLOGO À ALIANÇA MOSAICA)	40
2.7 LAÇOS ENTRE TRADIÇÃO DO GÊNESIS E ÊXODO	44
3 ABRAÃO FIGURA ECUMÊNICA	52
3.1 FILHOS COM ESTRANGEIROS	52
3.2 INDÍCIOS PROFÉTICOS SOBRE ABRAÃO	54
3.3 O SACRIFÍCIO DE ISAAC E A LUTA DE JACÓ COM DEUS	56
3.4 ABRAÃO, O AMIGO DE DEUS (אַהֲרָב אֱלֹהִים)	58
3.5 RELAÇÕES GLOBAIS E PARTICULARIDADE DE ABRAÃO	61
3.6 MOISÉS COMO ABRAÃO, AMIGO DE DEUS	62
CONCLUSÃO	66
REFÊRENCIA	69

INTRODUÇÃO

A tradição sacerdotal, no que se refere ao ciclo de Abraão, conforme alguns biblistas, demonstra-se um sentido extremamente ecumênico. Pois além da tradição ter uma natureza sacerdotal, ou seja, que se origina dos sacerdotes que viveram no exílio da Babilônia, ela também adota a figura de Abraão tornando-o um personagem universal. Inaugura, portanto, uma abertura que possibilita a união das tribos. Dado que, além do Patriarca Abraão, ser estrangeiro, pois ele é natural de Ur dos Caldeus, seus filhos também são de mulheres diferentes, Agar a escrava e Sara sua esposa, depois da morte de Sara teve filhos também com Cetura.

Além do mais, na aliança feita por Deus a Abraão, ele é chamado de pai de uma multidão de nações. “Serás pai de uma multidão de nações” (Gn 17,4b). Também a circuncisão que Abraão faz a todos de sua casa, tanto os da família, quanto aos estrangeiros, é uma nuance que engendra uma dimensão profundamente ecumênica (Gn 17,12-14a). Sendo assim, na Tradição Sacerdotal nem mesmo os estrangeiros são esquecidos.

Outro elemento característico da Tradição Sacerdotal é o reconhecimento do Deus único. O Deus que criou o céu e a terra é o Deus que escolheu o Patriarca Abraão, a ponto de ser chamado o “Deus de Abraão”. Nesse aspecto, já não há mais problemas com os deuses estrangeiros, pelo fato do Deus verdadeiro ser definido como Deus de Abraão.

Segundo Jean Louis Ska, o título atribuído que merece Abraão no livro do profeta Isaias é “amigo de Deus” (Is 41,8) que está presente também em outras passagens do Antigo Testamento, como 2Cr 20,7; Dn 3,35 [LXX]. Esse título é querido e respeitado pelo mundo árabe, pois o mesmo está também presente no Corão na sura IV, 124, pois a mesma diz que “Deus tomou Abraão por amigo¹”. Esses dados são sustentados pela pesquisa exegética da Tradição Sacerdotal no sentido de dar forma ao que seria o ecumenismo abraâmico.

¹ SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**. São Paulo: Paulinas, 2016, p.165.

Julius Wellhausen elaborou uma hipótese com base na teoria documental criada pelo Pastor alemão Henning Bernhard Witter e o francês J. Astruc que era médico de Luís XV, aproximadamente por volta do século XVIII. Essa hipótese foi muito significativa para a exegese histórico-crítica. A partir dela, Wellhausen combinou quatro tradições; javista (J), Eloista (E), Deuteronomista (D) e Sacerdotal (P)². Sendo o último documento, distante da experiência original da fé de Israel, o estrato sacerdotal seria a expressão da deterioração da verdadeira religião, permeado de legalismo.

Contrário a esse pensamento de Wellhausen, a pesquisa recente sobre a Tradição Sacerdotal e suas características, evidencia que ela faz uma coesão entre os textos; ela é a única fonte que, segundo Albert de Pury, conseguiu resistir nas últimas três décadas da pesquisa sobre o Pentateuco, pois durante essas décadas passaram muitos problemas que desestabilizaram as certezas sobre as fontes, que conforme os estudiosos mais antigos, seriam as bases que sustentavam o Pentateuco. A Tradição Sacerdotal conseguiu suportar esse período, devido o seu modo coerente de compor os livros.³

Conforme Ska, a tradição sacerdotal não é completa e nem tampouco um complemento, mas trata-se de uma fonte que tem uma independência relativa. Pois a mesma se conecta às mais antigas tradições, e as supõe conhecidas pelos leitores. Ela não é só cópia em cima do que já foi feito pelas tradições mais antigas, mas antes faz uma hermenêutica de continuidade, estabelecendo algo novo, sobrepondo o que já foi feito e atualizando-o.⁴

Para Ska, o que diferencia a tradição sacerdotal das que a antecedem é o seu profundo teor teológico, a sua pretensão de estruturar os pilares religiosos do povo de Israel,⁵ dado que, no dizer de Wilfrid J. Harrington, no período do cativeiro, os sacerdotes, que lá se encontravam, se viram responsáveis em organizar novamente a vida religiosa com base nas tradições comuns.⁶ Os sacerdotes chegaram à

² WITTER, Hennig Bernhard. ASTRUC, J. *Apud.* ROMER, Thomas. **A Formação do Pentateuco: História da Pesquisa.** In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia.** São Paulo: Loyola, 2010, p. 87.

³ DE PURY, Albert. Gênesis 12–36. In. RÖMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia.** São Paulo: Loyola, 2010, p.176.

⁴ SKA, Jean Louis, **Introdução a Leitura do Pentateuco.** São Paulo: Loyola, 2003, p. 160.

⁵ SKA, Jean Louis, **Introdução a Leitura do Pentateuco,** p. 169.

⁶ WILFRID, J. Harrington. **Chave Para Bíblia: A Revelação, A Promessa, A Realização.** São Paulo: Paulus, 2016, p. 231-232.

conclusão que o motivo do exílio foi por causa da infidelidade da aliança mosaica estabelecida no monte Sinai.

Portanto, nessa perspectiva de restaurar a Aliança que havia sido rompida pela infidelidade de Israel – Aliança mosaica – torna-se fundamental a figura do Patriarca Abraão, pois a Aliança feita a ele é unilateral e incondicionada, diferente da aliança do Sinai, sendo esta uma aliança bilateral, pelo fato de exigir uma resposta mais rigorosa de Israel, e esta resposta não foi dada conforme se deveria. A aliança feita ao Patriarca é irrevogável, pois é menos exigente, além disso, é também unilateral, com efeito, quase não há exigência no aspecto moral por parte de Abraão. Trata-se mais de uma Aliança de promessas: de bênção, de terra e de descendência incalculável.

Deste modo, a terra para o mundo antigo era algo essencial como veremos no decorrer desse trabalho, no que se refere a descendência, como veremos também, no ciclo de Abraão tem uma característica mais precisa para identidade de Israel, do que a aliança mosaica. Essas expressões em conjunto, proporcionam a união das duas tribos – Israel e Judá – como também a abertura a outras nações. Assim a perspectiva deste trabalho é explanar esses elementos na tentativa de evidenciar o seu sentido ecumênico.

Portanto, a nossa hipótese de pesquisa é a de que a Tradição sacerdotal é a grande formuladora do estágio definitivo do ciclo de Abraão e de que ela “constrói” um Abraão a partir de perspectivas antigas no intuito de fornecer uma figura aglutinadora e ecumênica num contexto pós-exílico quando houve grandes conflitos.

No primeiro capítulo abordaremos o sentido teológico da Tradição Sacerdotal, evidenciando os métodos possíveis que possam ter sido utilizados, destacando como se dá a sua independência e originalidade. Não obstante, será elencado também, os estudos contrários a essas dimensões de originalidade e independência, no propósito de abrir a reflexão. Será feito também uma explanação sobre a importância da descendência, sendo essa algo muito significativo para uma boa compreensão da criação, visto que, era algo fundamental para as tribos no período do patriarca Abraão.

Com efeito, descendência para o povo antigo tinha uma finalidade vital de identidade, tanto pessoal, quanto comunitária, por isso, desenvolver essa questão e imprescindível para este trabalho. Outro ponto a ser evidenciado é a finalidade do ciclo de Abraão para a Tradição Sacerdotal, dado que, esse ciclo dá uma grande abertura para os povos estrangeiros. Por fim, será pesquisado as rupturas existentes entre o livro do Gênesis e do Êxodo, no intuito de analisar os dados literários que

evidenciam esse aspecto de divisão e a consequência que isso possa causar na totalidade da obra.

No segundo capítulo trataremos da relação possível entre o livro do Gênesis e do Êxodo. Deste modo, a pesquisa se fará em torno da literatura sacerdotal e não sacerdotal, equiparando essas duas literaturas no intuito de identificar o que pode ser coeso ou desconexo no aspecto relacional dos livros. A terra para os antigos sempre foi algo extremamente importante, sobretudo, para Israel. Por isso, será analisado o sentido da terra para os israelitas, visto que, ela faz parte da promessa feita a Abraão. Também se verá a possível relação do livro do Gênesis com o Êxodo, no sentido do livro do Gênesis ser um prelúdio para o livro do Êxodo, na totalidade do Pentateuco. O capítulo será finalizado elencando os dados que possam afirmar os laços existentes entre os dois livros, investigando qual o sentido teológico no aspecto global da obra para o povo de Israel.

No terceiro capítulo enfocaremos o sentido ecumênico da figura de Abraão. Deste modo, será feita uma investigação sobre os filhos que Abraão teve com mulheres estrangeiras, pois isso é um dado significativo para reflexão. A literatura profética também dá grande contribuição nesse sentido, na qual se abordará alguns elementos que possam possibilitar a compreensão da pessoa de Abraão como um patriarca ecumênico. Um ponto crucial, que não poderia deixar de ser visto, é o sacrifício de Isaac e o abandono de Ismael, haja vista, para a Tradição Sacerdotal esses dois pontos se relacionam, pois os mesmos possibilitam a ideia de saída de um nacionalismo fechado para abertura a povos estrangeiros. Tanto Abraão quanto Moisés são vistos como amigos de Deus, assim, é o que será visto como encerramento do capítulo. Ou seja, veremos, o modo como se dá essa relação da amizade de Moisés com Deus, já que esse título é atribuído de forma preeminente a Abraão.

1 TEOLOGIA SACERDOTAL NO CICLO DE ABRAÃO

Ska elenca três pontos sobre os quais há certo consenso na maior parte dos exegetas em relação à Tradição Sacerdotal. O primeiro é a independência e autonomia da fonte sacerdotal. Pois para Ska, ela não é simplesmente acréscimo ou complemento, mas possui uma formulação própria. O segundo ponto é a forma dialógica, ou seja, como ela se relaciona com a antiguidade. E por último, ponto este em que a maioria absoluta dos exegetas concorda, é que houve acréscimos tardios pós-exílios.⁷ Esses pontos serão desenvolvidos com maior clareza nas páginas seguintes. Por enquanto, serão vistos as tendências e os métodos que muitos colaboram com a pesquisa exegética.

Michael Fishbane elaborou uma teoria, na qual ele afirma que a ideia fundamental que alavancou a literatura israelita procede da exegese rabínica. Pois na sua concepção, o *midrash*, a *Mishná* e também o *Talmud*, aparecem como citações da Torá. Ora, essas técnicas de citação, diz ele, aderidas com essas denominações já são conhecidas; “*hagadá* para as narrativas, ou seja, comentários homiléticos atualizadores; *halaká* para comentários jurídicos.”⁸ Portanto, o *midrash*, a *Mishná* e o *Talmud* são obras elaboradas com acréscimos tardios que tinham a finalidade de reorganizar os elementos dos textos tardios e torná-los atuais. Esse mesmo procedimento, segundo vários estudiosos, foi empregado na elaboração e edição última das tradições patriarcais.

Uma tendência, também muito usada na pesquisa bíblica, na qual o nome mais expoente é o de Julia Kristeva é o método intertextual. Este método procede envolvendo e relacionando vários textos, na perspectiva de criar um novo conteúdo. Todavia, esse método deve ser utilizado com prudência, na procura de um minucioso

⁷SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos Últimos Dez Anos. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p.36.

⁸ FISHBANE, Michael. *Apud.* SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 61.

e elaborado processo de estruturação.⁹ O método da intertextualidade é amplamente usado pela exegese nos estudos do Pentateuco, pois o mesmo proporciona diversos tipos de relações. Ou seja, ele proporciona as relações de textos explícitos, daquilo que está escrito na obra fonte, como também implícitos, que alguns estudiosos vão denominar de “paratexto”, que seriam os textos adjacentes.

Essa técnica literária possibilita a inter-relação de inúmeros textos, como já foi dito, podendo desse modo, gerar uma nova obra. Não obstante, ela tem suas limitações. Pois muitos exegetas, utilizando dessa técnica sem a devida perícia, prejudicam o seu verdadeiro potencial, inserindo no texto o próprio modo de pensar. Portanto, é necessário cuidado e perspicácia para não afetar o significado original dos textos.

Portanto, é possível dizer que a Tradição Sacerdotal tenha utilizado desses métodos para elaborar de forma gradativa a fundamentação religiosa de Israel que havia se deteriorado no exílio, pela influência gentílica dos babilônicos. Assim, é preciso pesquisar o modo como se pode falar de uma independência do Documento Sacerdotal, dado que, a maioria dos exegetas é unânime em afirmar essa concepção. Para eles, a Tradição sacerdotal se apoiou nas bases mais antigas, elaborando de forma coerente a inter-relação dos textos com os acréscimos tardios, que foram adaptados para dar ênfase à teologia organizada para a estrutura da religião de Israel durante o exílio.

Não obstante, nem todos os exegetas estão de acordo com essas afirmações acima, sobre a Tradição Sacerdotal, uma vez que no estudo do Pentateuco há diversas opiniões e o estudo bíblico tem uma gama variável de significados. Os estudiosos que seguem este pensamento, que negam a independência do Documento Sacerdotal, ideia que aqui será defendida, são pesquisadores sérios de um vasto conhecimento, embora trabalhem com hipóteses difíceis de serem demonstradas.

Na verdade, eles sustentam serem as tradições antigas textos seguramente independentes. Ou seja, tratar-se-iam de fragmentados narrativos por não se relacionarem uns com os outros, cada qual tendo o seu significado próprio. Deste modo, a Tradição Sacerdotal, para eles, seria apenas uma espécie de “argamassa”

⁹ KRISTEVA, Julia. *Apud.* SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco. *In.* CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 63.

que fizesse a conexão entre os textos, sem nenhum acréscimo de sentido ou originalidade na sua essência. Portanto, verificaremos, a partir dessas premissas, as pesquisas de tais exegetas, dando ênfase, no entanto, naquilo que é relacionado ao Documento Sacerdotal, sendo ele o eixo central deste trabalho.

Outro elemento importante a ser desenvolvido é a questão da descendência, pois como veremos, ela é a principal responsável em definir o sentido de pertença às famílias. Deste modo, será dada prioridade à descendência pós-diluviana pela geração de Sem, pois dela sairá Taré, que está na origem do ciclo patriarcal de Abraão. Ele é o Patriarca por excelência, do qual a tradição se utiliza para elaborar uma teologia unificadora entre os povos de Israel.

1.1 INDEPENDÊNCIA DA TRADIÇÃO SACERDOTAL

A independência da Tradição Sacerdotal não suprime sua capacidade de interação com a antiguidade. No entanto, essa interação não se trata de uma amálgama de documentos sobrepostos ou desconexos (um mero editor desajeitado). Ao contrário, ela está na forma de conseguir redigir os textos de forma adequada, dando-lhes sentido teológico. Por isso, a Tradição Sacerdotal constitui uma originalidade que se destaca pela perspicácia dialógica – no sentido de construir relação entre os textos, e esta é a opinião de quase todos os exegetas.

No que se refere ao período do surgimento da Tradição Sacerdotal, o mais aceito pela maior parte dos exegetas é que sua existência seja colocada no período do exílio e pós-exílio. Esses exegetas reconhecem a dificuldade que foi para os israelitas retornarem do exílio da Babilônia para Jerusalém. Os sacerdotes recuperam as tradições do Egito, do deserto e da terra prometida, extraíndo a força de seu significado teológico, e reformulando essas tradições numa perspectiva da alegoria da transição ou saída da Babilônia e volta para Jerusalém.

De outro lado, há autores judeus que discordam dessa datação, afirmando ser a Tradição Sacerdotal pré-exílica. Nesses aspectos, porém, não entraremos em tanto debate, pois nossas discussões se concentram mais no problema da finalização do Pentateuco, conforme se verá abaixo.

Conforme Ska, por muito tempo se acreditou na tese wellhauseniana de que a Tradição Sacerdotal terminaria seus relatos com o falecimento de Moisés. Todavia,

essa tese wellhauseniana na atualidade é fortemente refutada.¹⁰ Atualmente as pesquisas, no que diz respeito à literatura Sacerdotal, reconstroem o escrito de um Sacerdotal Primitivo em menor tamanho para compor Levítico 17-26. Na versão que foi colocada por Wellhausen, a Tradição Sacerdotal Primitiva constituiria a última fonte do Pentateuco, posterior ao Javista, Eloista e Deuteronomista. Ela teria acréscimos tardios no século V a.C., antes de sua integração no texto documental unificado. Esses acréscimos seriam de uma Tradição Sacerdotal secundária, estabelecida no pós-exílio, durante o período do império persa.

No entanto, essas afirmações são muito discutidas. T. Pola, num trabalho monográfico na década de 90, sugere o fim da tradição Sacerdotal Primitiva em Êxodo 40, no término do santuário móvel (ou Tenda da Reunião) no monte Sinai. O texto Sacerdotal Primitivo seria o fio condutor que preparou a Israel para a entrada no santuário, onde Deus se revela como YHWH. Essa hipótese mesmo sendo aceita por alguns exegetas, possui também seus opositores.¹¹

K. H. Graf fez uma investigação, na qual concluiu que nem o Deuterônomo ou os livros proféticos, ou mesmo os livros históricos (Josué-2Reis) conheciam o Documento Sacerdotal como aparece na Torá. Por isso, ele deveria ser datado ou durante o exílio ou no pós-exílio. O fato é que o debate sobre essas questões é interminável e não é propósito desse trabalho deter-se fustigadamente no âmbito dessas pesquisas, pois seria um trabalho exaustivo e qualquer solução, sem prévia consulta das várias hipóteses, além de pretenciosa, seria arbitrária.¹²

Este breve cenário dos debates acerca da Tradição Sacerdotal e sua datação que apresentamos, tem o intuito de situar o leitor na questão da importância que ainda abrange a Tradição Sacerdotal nas pesquisas da exegese atual. Logicamente há trabalhos de pesquisas mais recentes nesse aspecto, que aqui não serão expostos, devido não ser o interesse deste trabalho.

¹⁰ SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos Últimos Dez Anos. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 32.

¹¹ POLA, T. *Apud* NIHAN, Christophe e ROMER, Thomas. O Debate Atual Sobre a Formação do Pentateuco. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 120.

¹² GRAF K. H. *Apud* NIHAN, Christophe e ROMER, Thomas. O Debate Atual Sobre a Formação do Pentateuco. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.128

O que satisfaz a definição de uma obra literária para Ska são dois critérios, a saber, a homogeneidade e a conceitualização que a fundamenta. Para ele, esses elementos estão presentes na Tradição Sacerdotal. Com efeito, mesmo tendo acréscimos que foram colocados tardiamente, ela possui uma centralidade na ideia principal, ou seja, consegue articular as partes principais do Pentateuco evoluindo da dimensão de um Deus universal inacessível à delimitação ao Deus dos patriarcas.

Essa delimitação de Deus, ao ponto de se tornar Deus de um povo, será esboçada com mais clareza nas páginas seguintes ao tratarmos das descendências do Patriarca. Por ora, o objetivo desta reflexão, com esses dados que estão sendo elencados, é levar o leitor a perceber a forma como vai se dando a independência da Tradição Sacerdotal.¹³

Com os pressupostos já mencionados, sobre o período de formação, a maneira de enredar as ideias principais, pode-se dizer que a independência que existe na Tradição Sacerdotal não é absoluta, como um autor que cria do nada, mas relativa, a saber, ela se apoia em bases antigas restaurando o vínculo com a antiguidade, pois essa relação para os povos antigos era de suma importância.

Por sua elaboração independente, pode-se falar da independência relativa do relato sacerdotal. P conhece as antigas fontes e as supõe conhecidas pelo leitor. Dialoga com essas tradições, corrige-as, interpreta-as e propõe uma nova visão da história de Israel, desenvolvendo uma teologia própria, independente, mas sempre em relação com as antigas tradições. De forma metafórica, P constrói sua casa sobre os alicerces das fontes anteriores a ele, mas não se satisfaz com decorar, completar, embelezar ou prolongar uma obra já começada. Constrói uma casa nova sobre velhos alicerces.¹⁴

É perceptível desse modo, conforme estabelece Ska, a importância e a originalidade da Tradição Sacerdotal na composição do Pentateuco. Dado que certos autores não aceitam que o Documento Sacerdotal seja independente e completo, doravante serão expostas algumas ideias sobre essa tendência da instabilidade do Documento Sacerdotal, com o escopo de refutar tais objeções e defender a originalidade e autonomia do texto como já foi expresso.

¹³ SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos Últimos Des Anos. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 32.

¹⁴SKA, Jean Louis, **Introdução a Leitura do Pentateuco**, p. 160.

As posições contrárias colocadas, embora passíveis de crítica, são pesquisas exaustivas e bem estruturadas que auxiliam a ter um melhor esclarecimento, dado que, a exegese sempre oferece uma gama de significados, sendo a Sagrada Escritura uma fonte inesgotável de mistérios.

John van Seters entendeu a Tradição Sacerdotal “como camada ou uma série de camadas redacionais acrescentadas ao seu Javista”¹⁵. Seters afirma que a Tradição Javista comporta autores independentes, essa opinião será desenvolvida de forma mais ampla posteriormente. Outros compreendem a Tradição Sacerdotal como uma composição, ou seja, não seria uma fonte de redação que tivesse uma originalidade, mas simplesmente um trabalho de inclusão de vários textos sobrepostos.

1.2 AS TRADIÇÕES ANTIGAS E A CONTRAPOSIÇÃO SACERDOTAL

Thomas Römer afirma que a obra literária do Pentateuco é anônima, pois não traz assinatura que identifique um autor. Pelo fato dos textos que se referem a Lei serem atribuídos a Moisés, fez com que as tradições tanto judaicas quanto cristãs, definissem Moisés como autor de todo Pentateuco. Essa ideia foi sustentada, mesmo que forçosamente, até o século XVIII. Não obstante, com o surgimento da exegese histórico-crítica moderna, surgiram as críticas sobre os anacronismos contidos no Pentateuco, “a descoberta de diferentes rupturas na lógica narrativa e literária que levou os exegetas a levantar a questão das fontes utilizadas pelos autores do Pentateuco.”¹⁶

Deste modo, foram elaboradas pelos estudiosos da ciência bíblica três teorias sobre a composição do Pentateuco. A primeira foi a teoria documental, ou seja, a teoria das fontes do Pentateuco que já mencionamos, cujo acabamento final foi dado por Julius Wellhausen. Por causa da dificuldade da reconstrução das tramas, por conseguinte, surgiu a *teoria dos fragmentos*, segundo a qual, na origem do Pentateuco

¹⁵ SETERS, John Van. *Apud*. SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco. *In*. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 36.

¹⁶ROMER, Thomas. A Formação do Pentateuco: História da Pesquisa. ROMER, Thomas, MACCHI. Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 86.

haveria textos (ou melhor, fragmentos) independentes e isolados. No entanto, ela não conseguiu resolver o problema da relação entre esses textos fragmentários na composição do Pentateuco. A partir daí, surgiu a *teoria dos complementos*, a qual supõe um documento de base (*Grundshrift*) no centro do Pentateuco, o qual receberia, no decorrer dos séculos, inúmeros complementos no sentido de totalizar a obra.

É sabido que a fonte Sacerdotal, na teoria documental, foi bem delineada por Wellhausen. Ele também sustentava sua independência e originalidade, posição esta que hoje é aceita por grande número de estudiosos. No entanto, dentro desse âmbito literário, há dois tipos de posição. Alguns aceitam a posição de independência e originalidade da tradição sacerdotal, mas negam a existência de fontes antigas; outros não veem nem originalidade nem independência nas Fontes Sacerdotais, reservando esses elementos de independência para as tradições antigas. Portanto, conforme proposto será verificado algumas nuances em relação a essas questões.

Gerhard Von Rad é considerado, segundo Römer, como o arquiteto da forma final da teoria documental. Von Rad reelabora, segundo sua consideração do Antigo Testamento, a história da salvação como forma dialética. Com base nas diferentes fontes e seus autores, ele os transformou em verdadeiros teólogos. “Com sua obra, o Javista persegue um objetivo teológico.”¹⁷ Para ele, o relato Javista antecede o Documento Sacerdotal em alguns séculos. A Tradição Javista teria, sobretudo, na criação do paraíso um sentido muito mais espiritual e mais livre “no seu modo mais condensado e imaginoso e, portanto, mais indireto, de apresentar as coisas.”¹⁸ Ao contrário dessa espiritualidade da qual trata o Javista, o Documento Sacerdotal tem um estilo direto e completo, sendo destituído de um pensamento cosmológico mais antigo.

John Van Seters é defensor da Tradição Javista, pois o mesmo a considera como obra de um autor independente. Para ele a forma como é visto o Antigo Testamento nas pesquisas atuais, incorre num profundo anacronismo, visto que as palavras “editores” e “redatores”, no seu entender, são palavras que não podem ser inseridas no contexto bíblico. Além de desentorem do conteúdo literário, também

¹⁷ VON RAD, Gerhard. *Apud*. ROMER, Thomas. A Formação do Pentateuco: História da Pesquisa. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 95.

¹⁸ VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vozes, 1973, p. 148.

foram articuladas no âmbito bíblico depois do renascimento. Deste modo, a única palavra que poderia ser conhecida na antiguidade seria autor. Assim, editor e redator seriam copiadores que, mesmo fazendo um trabalho minucioso, não interfeririam no sentido original estabelecido pelo autor.

Não existem “editores” ou “redatores” antes do renascimento e, portanto, o uso dessas expressões para caracterizar a atividade dos escritores antigos, por exemplo, os escritores bíblicos, é anacrônico. “Editor” ou “redator”, pode ser usado em três sentidos diferentes, nenhum dos quais se aplica à literatura bíblica.¹⁹

Segundo Ska, em contraposição a essa concepção de Seters, não há uma unanimidade no que se refere aos escritores bíblicos, ou seja, nem tudo é de autoria deles. Entre eles existem nuances diferentes, “não são todos criadores e inovadores, alguns são apenas renovadores.”²⁰ Portanto, Ska diz que a exegese bíblica é uma construção onde se consegue identificar os elementos antigos e os recentes. Contudo, cada um tem a sua função.

Assim, o fato de usar as expressões, “editores” e “redatores”, mesmo que seja um anacronismo, não interfere na totalidade da obra. Se foram usadas essas palavras, é porque não se encontrou outras mais apropriadas. Ska, para sustentar o seu pensamento, dá exemplo da Basílica de São João de Latrão. Trata-se de uma estrutura composta que se deu no decorrer da história, onde muitos arquitetos, uns mais outros menos, corroboraram para o estabelecimento da obra. No entanto, Borronni, na época de Alexandre VII, foi o derradeiro a dar acabamento na construção e mesmo assim “não pode ser chamado o ‘arquiteto’ (‘autor’) da basílica. Não criou o edifício apenas o renovou.”²¹

R. Rendtorff diz que não existe uma independência dos textos sacerdotais, e os vê como meras camadas redacionais sem influencia nenhuma na estruturação dos textos antigos. Para ele, a Tradição Sacerdotal refere-se apenas a copiadores

¹⁹ VAN SETERS, John. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 66.

²⁰SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos Últimos Des Anos. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 69.

²¹SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos Últimos Des anos In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 69.

passivos de modo que não existiria uma intenção teológica em relação à situação do exílio – “quanto aos textos sacerdotais, são vistos como camada redacional e editorial, e não como documento independente.”²²

Segundo Rendtorff, os textos antigos são independentes, e do mesmo modo, foram também transmitidos de forma independente. São compostos unitariamente sem relacionarem uns com os outros. O que faria a união desses textos seriam as expressões, terra, descendência, acompanhamento e benção, que serviriam como um apêndice para desencadear a história. Desse modo, ele retoma a teoria chamada modelo dos fragmentos, dando-lhe uma nova dimensão.

Hipótese chamada dos fragmentos. Essa teoria supõe que a origem do Pentateuco, encontra-se um número importante de textos narrativos e legislativos, esparsos e isolados, sem continuidade narrativa. Esses fragmentos teriam sido reunidos por vários redatores responsáveis do quadro cronológico do Pentateuco.²³

As Tradições Antigas, que foram denominadas como Javista e Eloista, na atualidade são objeto de um profundo debate. Ska não vê elementos, nessas fontes que as possam qualificá-las como fontes literárias. Segundo ele, não há nelas elementos unificadores, uma ideia principal como acontece com o Sacerdotal. E tampouco há unidade de estilo que lhes deem um conceito fundamental e um estilo homogêneo. São fragmentos espalhados, sobretudo o Eloista, por várias partes do Pentateuco e para que possa reconstruir lhes um enredo, tem que se forçar muito a imaginação. “São no máximo coletâneas de textos narrativos e legislativos que possuem alguma característica em comum, por exemplo, o uso do nome divino Yhwh e Elohim, ou qualquer vocabulário específico aqui e acolá.”²⁴

Deste modo, Ska não considera as Tradições Antigas – Javista, Eloista – como fontes Literárias, mas como fragmentos ou estratos redacionais que foram assim chamados. Portanto, Ska não vê utilidade na classificação Javista e Eloista.

²² RENDTORFF, Rolf. *Apud*. ROMER, Thomas. A Formação do Pentateuco: História da Pesquisa. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.101.

²³ ROMER, Thomas. A Formação do Pentateuco: História da Pesquisa. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 88.

²⁴ SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos Últimos Des anos *In*. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 29.

1.3 FINALIDADE DA DESCENDÊNCIA A PARTIR DA CRIAÇÃO

Mesmo tendo desempenhado uma expressão pouco significativa no século XX na pesquisa do Pentateuco, na atualidade é verossímil que a Tradição Sacerdotal seja a maior detentora da possibilidade de ter incentivado o monoteísmo javista. Por isso hoje a pesquisa exegética gira em torno da composição historiográfica da Tradição Sacerdotal e do Pentateuco. Para a maior parte dos exegetas, a estruturação narrativa da presença divina na comunidade israelita, conforme o método sacerdotal, se dá de forma gradativa, do que é divino ao humano.

Com efeito, Inicialmente a humanidade é consagrada em conjunto na criação, Deus é metodicamente universal, chamado de Elohim (Gn 1-11). Depois há uma delimitação na sua revelação aos Patriarcas, na qual se apresenta como El-Shadai, Deus-Todo Poderoso (Gn 17,1 e Ex 6,3). Com essas premissas é perceptível uma evolução na identificação do Deus universal. No entanto, essa revelação se dá mais nitidamente em Israel, onde Deus se apresenta com o nome de Yhwh. Assim, o Deus nacional de Israel e o Deus do universo se revelam à única e mesma divindade.²⁵

Esse desenvolvimento teológico da identificação de Deus, segundo Von Rad, só se dá no Documento Sacerdotal. Para ele as Tradições Antigas compreendem a denominação de Deus por Yhwh em toda circunstancia patriarcal, o que na sua concepção é um anacronismo, do ponto de vista histórico. Pois o povo israelita anterior a Moisés não conhecia a fé em Yhwh. Assim, a Tradição sacerdotal elaborou uma forma gradual e histórica do conhecimento de Deus como Yhwh, que foi se dando de modo indireto.

Portanto, Von Rad afirma que as narrativas bíblicas, conforme dadas pela Tradição Sacerdotal, foram predicacões que se desenvolveram até o produto final do nome de Deus como Yhwh. Deste modo, as histórias patriarcais, segundo a Tradição Sacerdotal, não têm a intenção de tratar simplesmente a narração da historicidade temporal, cronológica. Há uma condensação, feita pelos autores de alguns versículos,

²⁵NIHAN, Christophe e ROMER, Thomas. O Debate Atual Sobre a Formação do Pentateuco. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 123.

constantemente colocados em trechos no intuito de dar solução de uma história divina. Esses trechos têm alcance que abrange só o período de suas próprias vidas. Isso é feito para dar sentido a história do momento²⁶.

Segundo Ska, as narrativas sacerdotais que envolvem o dilúvio até Abraão são breves, pois para o autor elas servem como modo de chegar de Noé até Abraão. Deste modo, os elementos que envolvem a história de Noé, como também a Torre de Babel, seriam prelúdios para a chegada de Abraão. Por isso, Ska vê uma ruptura no que diz respeito à descendência, ele faz a distinção da descendência antediluviana e pós-diluviana. O estudioso belga coloca em destaque a descendência pós-diluviana, pois, no seu ponto de vista, ela estrutura os antepassados israelitas. Logo, Abraão é posto como o ícone que faz a cisão com a descendência antediluviana, ele se torna um divisor de águas.

Para Ska, o pensamento antediluviano tem a perspectiva em ver um Deus cosmológico e também a humanidade em conjunto, ou seja, há uma globalidade onde ainda não se especifica a unidade identitária dos povos. A partir do período pós-diluviano, a perspectiva divina tomará um novo rumo, a ação divina se voltará para um povo escolhido e para terra. Com efeito, a humanidade vai tomando uma identidade mais específica e Deus mais acessível.²⁷

Nesse viés a história da humanidade é ramificada na sua relação com Deus em um dos descendentes de Abraão.

A história dos abraamidas, que prolonga a história da humanidade em um de seus ramos. A descendência multiétnica de Abraão é posta em benefício de uma aliança específica (Gn 17): essa descendência venerará Deus sob o nome de El Shadai; terá o direito de cidadania na terra de Canaã e praticará a circuncisão como sinal de pertença. Uma disposição especial está anunciada no tocante a Isaac, o filho de Abraão ainda não nascido, porém tal disposição só terá efeito depois de Isaac, através da descendência de Jacó.²⁸

Deus passa a se revelar como Deus de Abraão de Isaac e de Jacó. Assim, a peculiaridade do formato de descendência dentro do livro do Gênesis, conforme Ska,

²⁶ VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**, p. 173-174.

²⁷ SKA, Jean Louis, **Introdução a Leitura do Pentateuco**, p. 39.

²⁸ DE PURY, Albert. *Apud*. ROMER, Thomas. A Formação do Pentateuco: História da Pesquisa. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 178.

é o de estabelecer um vínculo do povo de Israel com a criação dando-lhe um estatuto etiológico. A genealogia, portanto, tem a função de definir o eixo familiar, de estabelecer relações entre o presente e o passado, como também entre os povos circundantes. Ela dá possibilidade ao povo israelita de se encontrar na criação e no meio das nações. Por isso, a forma como é colocada a figura de Abraão na questão genealógica, não se trata de uma promessa particular que beneficia só um povo específico. É perceptível uma característica extremamente ecumênica. A figura de Abraão proporciona a todos os seus descendentes e também aos povos vizinhos o benefício da aliança. Mesmo os que não foram circuncidados tiveram com Abraão uma relação harmoniosa.²⁹

1.4 IMPORTÂNCIA DO CICLO DE ABRAÃO

Para Ska, a partir do momento pós-diluviano, as genealogias se concentraram todas em Abraão. Uma questão que o estudioso belga levanta é a triplicidade dos antepassados (Abraão-Isaac-Jacó), dado que, geralmente um povo tem apenas um epônimo. No caso dos israelitas deveria ser Jacó/Israel e não se deveria introduzir Abraão e Isaac. Para solucionar esta questão, que não é fácil, deve-se observar que Jacó/Israel é antepassado epônimo do reino do Norte (cf. Os 12). Este reino foi destruído pelas invasões assírias em 721 a.C., e a região foi sucedida pelo reino do Sul até sua tomada pelo exército da Babilônia em 586 a.C. Todavia, com a reconstrução de Jerusalém teve-se a pretensão de fazer dela a única herdeira de todo Israel.³⁰

Portanto, há grande possibilidade de que Abraão, que situa suas bases no sul em Hebron, tenha se tornado o antepassado de Israel nesse tempo – saída do exílio. Não obstante, isso não quer dizer que a literatura que se refere ao ciclo de Abraão tenha sido feita durante esse período. Ora, “os redatores e os compiladores do Pentateuco, que atuaram em Jerusalém no período pós-exílico, evidentemente escolheram fazer de Abraão o antepassado único de todos os componentes do

²⁹SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 95.

³⁰SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 95.

povo.”³¹ Ou seja, para Ska essa literatura de alguma forma já existia antes, no entanto, foi reestruturada pelos sacerdotes do exílio para fazer de Abraão um epônimo universal, abrangendo Judá e Israel. Deste modo, Judá afirmará sua supremacia sobre o reino do Norte, como também sobre os samaritanos.

Outro ponto crucial é a escolha de Hebron, ou seja, a relação existente entre Hebron e Abraão. Como a pretensão era afirmar a cidade santa como superior ao reino do Norte e a Samaria, o antepassado deveria surgir a partir de Jerusalém, contudo, não foi assim. Isso porque o passado de Jerusalém não tem histórico israelita. Na verdade, Jerusalém pertenceria a ascendência cananéia (2Sm 30) (jebuseus), que posteriormente fora conquistada por Davi. Desse modo, os fundadores de Jerusalém seriam os jebuseus e não os israelitas. O que tornaria difícil para os israelitas fazer dos jebuseus seus antepassados.

Outra questão que é de uma sutileza fundamental para a escolha de Hebron, ainda segundo o mesmo estudioso, foi o fato da cidade de Jerusalém ser destruída junto com o templo e o palácio do rei. Segundo a historiografia isso se deu em 586 a.C. Esse fato demonstrou a fragilidade da cidade e de todas as instituições que estão ligadas a ela, como o sacerdócio do templo e a monarquia. Esses acontecimentos forçaram o povo a procurar estatutos mais seguros para garantir a reconstrução de sua identidade. De onde surge a solução de buscar no antigo santuário de Hebron o seu “padroeiro”, Abraão.

Antigas tradições estavam certamente ligadas a este lugar, que tinha, portanto, o seu prestígio. Alguns traços disto permanecem na Bíblia. Davi, por exemplo, é ungido rei de Judá em Hebron e aí reinou por sete anos (2Sm 1, 1-5). Absalão, quando se rebelou contra seu pai, foi a Hebron para ser aclamado rei (2Sm 15,7-10). Antes, segundo a Bíblia, o lugar era explorado pelos israelitas vindo do deserto (Nm 13, 22), depois conquistado por Josué (Js 10, 36-37) e Caleb (14, 13).³²

Hebron é uma cidade cosmopolita que tem uma população diversificada e, segundo o estudioso belga, de modo estranho tinha Abraão como antepassado comum. Foi onde ele comprou o túmulo de Sara (Gn 23), onde também foi sepultado. Sendo assim, Abraão torna-se uma personalidade capaz de assegurar a unidade dos

³¹SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 96.

³²SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 97.

povos que habitavam nesses lugares. Além do mais, Hebron também tinha abertura para o deserto do Sinai, deste modo, era um lugar de transeuntes do comércio, pois ligava a Judeia ao extremo sul da Arábia.

Portanto, Abraão foi escolhido pela sua antiguidade, assim, Israel estava ligado a um personagem que lhe daria um induto histórico. Além disso, ele também não está ligado à monarquia e nem ao templo, que foram destruídos, mas aos lugares mais antigos. Diz Ska de modo paradoxal – “o Deus de Israel se tinha revelado a Abraão muito antes de tomar posse do templo de Jerusalém e exatamente por esse motivo, não desapareceu com a destruição do santuário da cidade santa.”³³ Logo, Abraão se tornara o epônimo ideal para justificar a unidade dos exilados com os sobreviventes do reino do Norte.

1.5 RUPTURAS

O Deuterônomo, conforme De Pury, pressupõe uma crise relacional entre Deus e Israel, ou seja, uma crise normativa, pelas quais a relação de Deus e Israel pode ser julgada. De Pury diz que essa crise é a mesma que foi referida pelos profetas pré-exílicos, a qual eles diagnosticaram como uma crise religiosa.

Na aplicação coerente da certeza adquirida, segundo a qual diante de Deus existe necessariamente uma correlação entre comportamento de uma comunidade e o seu destino, os *Profetas* anunciaram ao seu povo seu total desaparecimento. Onde de maneira tão evidente prevalece o caos, só resta esperar que o caos e o próprio Javé acelerem sua irrupção.³⁴

Não obstante, diferente dos profetas, a Tradição Deuteronomista não tem a intenção de propagar um julgamento incondicional, mas a sua verdadeira intenção é repensar e reformular as questões legalistas dos códigos legais em vigor, e assim inseri-las na mentalidade do povo. Para o estudioso francês, esse procedimento da Tradição Deuteronomista tem características análogas em certo ponto, com acontecimentos de outros lugares em época de crises. A saber, “no Egito, no alvorecer do Médio Império ou na Grécia ao tempo de Sólon.”³⁵ Todos esses casos, mesmo que

³³SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 98.

³⁴ DE PURY, Albert. **O Pentateuco Em Questão**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 307.

³⁵ DE PURY, Albert. **O Pentateuco Em Questão**, p. 307.

distintos uns dos outros, tratava-se de estruturar e fortalecer a moralização da religião por normas éticas.

Na perspectiva teológica estes elementos têm um particular significado. Foi, de fato, a Tradição Deuteronomista que reivindicou o direito de uma nova legislação. Haja vista, os episódios que antecederam o Código da aliança, não havia neles nenhuma legitimação particular na origem da lei. Agora a partir da dimensão assumida na literatura, conforme a Tradição Deuteronomista, apresenta já uma especificação relacionada ao nome divino, Javé, que se dirige através do “Eu” ao “tu” do povo de Israel. A lei que antes parecia relativamente abstrata agora é colocada no imperativo, ou seja, transformou-se em mandamento divino evidente. A reivindicação que os profetas fizeram ao denunciarem os procedimentos antiéticos e também as faltas religiosas, “foram retomados agora pelo Deuteronomio (e pelo Decálogo do qual é contemporâneo) neste sentido: os mandamentos éticos são colocados em estreita correlação.”³⁶

Portanto, a fidelidade ao mandamento, a partir dessas premissas colocadas acima pela Tradição Deuteronomista, se torna o fundamento para um verdadeiro relacionamento com Deus. O critério para bênção ou maldição se dará, então, conforme a adesão ou dissensão das propostas feitas pelo mandamento. Deste modo, a finalidade de todas essas proposições deuteronomicas é um apelativo feito ao povo para uma nova volta ao arrependimento.

Com esses dados sobre o efeito causado pela Literatura Deuteronomista em relação a lei, é necessário agora ver de que modo se dá a ruptura da Tradição Sacerdotal em relação a Deuteronomista, sendo imprescindível retomar alguns elementos daquela para melhor entendimento do leitor.

De Pury considera a Tradição Sacerdotal autônoma, como a maioria dos exegetas na atualidade, assunto que já foi esboçado em parágrafos anteriores. Assim, ele descreve o profundo conhecimento que a Tradição Sacerdotal tem das Tradições Antigas, sobretudo, a relação que existe entre os Patriarcas e a Promessa, ou seja, ela conhece tudo que se refere ao termo “aliança”. Todavia, a Tradição Sacerdotal toma posse de todos esses elementos que ela conhece, com muita liberdade.

³⁶ DE PURY, Albert. **O Pentateuco Em Questão**, p. 307-308.

Levando-os a uma moção teológica completamente diferente da proposta pelo Deuteronomio.

O escrito sacerdotal reduz a apresentação jeovista da história só a alguns elementos que lhe parecem decisivos: a criação do mundo – Noé (o dilúvio) – Abraão – Moisés (o êxodo e a entrega da Lei no Sinai). A forma literária predominante é do discurso divino; as partes narrativas são reduzidas a um mínimo, e a maioria das transições são feitas por meio de genealogias. Também do ponto de vista teológico, pode-se observar uma concentração rigorosa.³⁷

Esses aspectos estão relacionados um a um com o decreto divino. No entanto, De Pury elenca dois aspectos que para ele são principais. O primeiro são os sacrifícios. Antes possuíam diversos aspectos, havendo sacrifícios pacíficos e de expiação para os pecados, etc. A partir da estrutura fundamentada pela Tradição Sacerdotal, o sacrifício passa a ter uma única finalidade, a saber, assegurar a expiação.

Esta finalidade tem a função de demonstrar que a causa do afastamento de Deus é culpa do homem, pois o mesmo se desviou dos seus desígnios comprometendo deste modo a sua salvação. Isso deve fazer com que o povo de Israel chegue a compreensão do peso da desobediência que teve como consequência a ruptura com Deus, e que não pode ser liberto da culpa por suas próprias forças. Portanto. “A expiação do pecado só é possível se o próprio Deus conceder ao homem os meios desta expiação. Este tipo de expiação, instituída por Deus, segundo o escrito sacerdotal, se realiza pelo culto do Templo (pós-exílico).”³⁸

O segundo aspecto é o fato da Tradição Sacerdotal ignorar a aliança do Sinai, pois essa tradição, só admite a aliança anterior de Noé e Abraão. Para o Documento Sacerdotal, segundo De Pury, os acontecimentos que se desenvolveram na aliança do Sinai seriam quase que uma repetição das alianças antecedentes feitas a Noé e Abraão. Não trazendo novidade, trata-se mais uma consequência das duas anteriores. Pois para a Tradição Sacerdotal, o culto é a confirmação da promessa e o modo que permite o homem a ter participação nessa promessa é o sacrifício. Deste modo, aos impasses que foram causados no período exílico e pós-exílico, quando o povo de

³⁷ DE PURY, Albert. **O Pentateuco Em Questão**, p. 315.

³⁸ DE PURY, Albert. **O Pentateuco Em Questão**, p. 316.

Israel se afastou profundamente da religião, é oferecida a possibilidade de reintegração pela prática do culto no Templo.

Nessas duas reflexões feitas sobre as Tradições Deuteronomista e Sacerdotal, fica evidenciado a diferença entre uma e outra e mostra a finalidade teológica da Tradição Sacerdotal de restaurar a religião de Israel no período exílico e pós-exílico. Isso foi feito dando ao culto no Templo uma superioridade sobre os mandamentos estabelecidos pelo cumprimento da lei feita na aliança do Sinai, conforme a Tradição Deuteronomista, dado que, a tomada de Israel pela nação estrangeira foi a impossibilidade do cumprimento desses mandamentos. No entanto, há uma perspectiva de retorno aos mandamentos estabelecidos pela Tradição Deuteronomista, mas só se dará uma vez que tiver restabelecido novamente a adesão firme de Israel à religião herdada pelos patriarcas.

Como vimos até o momento, a história da pesquisa sobre composição ou redação do Pentateuco nos últimos anos sofreu reviravoltas inesperadas. A Tradição Sacerdotal deixou de ser vista como expressão de puro legalismo tardio, e passou a ser valorizada tanto na sua elevada teologia quanto no papel dos sacerdotes do período exílico e pós-exílio na reelaboração de uma identidade para o Israel, pautada nas tradições antigas, especialmente aquelas sobre o Patriarca Abraão. Ele se tornou figura emblemática de “repatriado” que vem da Babilônia para a terra dos cananeus convivendo pacificamente com os estrangeiros e se tornando “patriarca” de vários povos (figura ecumênica) por relações de parentesco.

Em nosso estudo sobre o valor da teologia sacerdotal nas tradições patriarcais é preciso ver porque os editores sacerdotais se interessaram das tradições sobre a figura de Moisés, emblema de uma Aliança rompida. É o que faremos a seguir, evidenciando a relação possível entre o livro do Gênesis e o livro do Êxodo.

2 RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE OS LIVROS DO GÊNESIS E DO ÊXODO

A Tradição Sacerdotal, conforme já elencado em tópicos anteriores, trata do problema estabelecido no período em que Israel esteve exilado na Babilônia. Deste modo, a teologia sacerdotal, segundo a maior parte dos exegetas modernos, criou laços entre o livro de Gênesis e o livro do Êxodo, fixando uma teologia para assegurar a religiosidade de Israel, então ameaçada pelo paganismo que o circuncidava. Assim, nesses tópicos seguintes a pesquisa tomará como prisma o modo como se deu os laços entre Gênesis e Êxodo, laços segundo a Tradição Sacerdotal, dando um foco especial nas figuras de Moisés e Abraão, sendo eles os ícones fundamentais das narrativas desses dois livros.

Para isso, veremos os pontos de divergências começando pelo livro do Êxodo, seja a oposição do ponto de vista das narrações não sacerdotais, como também a posição sacerdotal. Em primeiro lugar, será fundamental ressaltar o significado da terra para os israelitas, pois no mundo antigo terra tinha um significado peculiar. Serão vistas também as narrativas do livro do Gênesis sobre o tema. Mesmo que nos tópicos anteriores tenhamos apresentado algumas nuances, neste capítulo será necessário retomar alguns pontos, sem intenção de causar exaustão no leitor, mas no sentido de fundamentar a questão dos laços entre os textos e, por fim, como pode ter sido concretizado o vínculo entre esses dois livros.

2.1 ÊXODO E POSSÍVEL RELAÇÃO COM O GÊNESIS

Jean Daniel Macchi aponta que a ruptura entre o livro do Gênesis e Êxodo é evidentemente definida. Com efeito, a tribo de Jacó quando chegou ao Egito era um número pequeno de pessoas. “Total das pessoas da família de Jacó que vieram para o Egito: setenta.” (Gn 46, 27b). Deste pequeno grupo sobre o qual nos relata a Sagrada Escritura houve um crescimento populacional até se tornar uma família numerosa, não obstante, ainda longe de se configurar uma nação. Portanto, o crescimento do povo de Israel se deu de modo gradativo durante o período em que os israelitas ficaram estabelecidos no Egito. “Os israelitas foram fecundos e se multiplicaram; tornaram-se cada vez mais numerosos e poderosos, a tal ponto que o país ficou repleto deles.” (Ex 1, 7).

O segundo livro da Torá é denominado šmôt, “os nomes”, nas Bíblias hebraicas (cf. Ex 1,1). O título “Êxodo” provém dos tradutores gregos do Antigo Testamento, que pretenderam resumir dessa maneira o conteúdo com a ajuda do vocábulo êxodos, “saída”. De fato, o livro do Êxodo relata – ao menos em seus quinze primeiros capítulos – a saída dos israelitas do Egito.³⁹

Na concepção de Macchi, o livro do Êxodo se divide basicamente em três seções distintas. Começa com a presença de Israel no Egito (Ex 1,1–15,21), depois a jornada pelo deserto (Ex 15,22–18,27) e por fim permanência de Israel no Sinai (Ex 19,1–40,38).

Macchi diz que o início do livro do Êxodo trata de uma seção extremamente obscura. Pois logo após a estadia do povo no Egito, ele já começa a ser oprimido pelos egípcios. O modo como é relatado a história de Moisés, até sua fuga, evidencia naturalmente a situação de um povo que não tem saída (Ex 1, 8-22). Deste modo, a reviravolta se dá com o clamor do povo ao Senhor (Ex 2, 23-25). A partir daí começa a operação das manifestações divinas, que atuarão nos próximos capítulos até a libertação do povo – forçosamente – por Faraó. “A passagem do mar marca a saída definitiva do Egito e a vitória completa sobre Faraó e suas tropas (Ex13,17–14,31). O Cântico de Miriâm (Ex 15) fecha a primeira parte do Livro.”⁴⁰

A segunda seção que narra a caminhada do povo pelo deserto é mais resumida, que segundo Macchi tem continuidade no livro dos Números, a partir do capítulo 11, dado que esta seção é marcada por problemas que se desenvolvem de forma análoga em relação com os episódios do capítulo 11 do livro dos Números. Esses problemas são relacionados com as questões de falta de alimento, falta de água e com a guerra contra os amalecitas. É frequente também nessa seção a murmuração do povo contra Moisés e contra Yhwh. Por conseguinte, o sábado é introduzido, Moisés se apresenta como intercessor. Apresenta-se a relação de Moisés e seu sogro Jetro, o qual o aconselha a estabelecer juízes e chefes do povo para que possam auxiliá-lo e diminuir o peso da missão que lhe foi confiada por Yhwh.

³⁹ MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.215.

⁴⁰MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.218.

A terceira seção narra a instalação dos israelitas no Sinai. Segundo Macchi, ela é dividida em quatro partes que se coadunam em pares, a saber: o relato da conclusão da aliança relacionada com a cesura da mesma e depois com sua própria renovação, por causa do episódio do bezerro de ouro (Ex 32–34). Entre estas duas narrativas encadeiam-se instruções referentes à construção do santuário móvel e a formação do culto (Ex 25–31). “Essas instruções são dadas por Yhwh a Moisés, que subiu sozinho o monte Sinai”⁴¹. A consumação dessas instruções só se dará depois do restabelecimento da aliança.

Depois dessa explanação sintética sobre o livro do Êxodo, nos ateremos agora sobre as nuances em que desfecham as questões sobre ruptura entre o Livro do Êxodo e Gênesis. Todavia, veremos também a possibilidade de coesão e o seu sentido teológico para o povo de Israel, sobretudo, no que se refere à Tradição Sacerdotal, que é o enfoque deste trabalho.

Não só o fato do extenso período de permanência dos Israelitas no Egito marca essa ruptura entre o livro do Gênesis e do Êxodo, mas também a diferença de revelação de Deus. No Gênesis a revelação é feita individualmente aos Patriarcas: Noé, Abraão e Jacó. No Êxodo a revelação é feita a um povo numeroso, podendo se definir que o Êxodo inaugura o nascimento da nação israelita. No entanto, conforme Macchi, essa ruptura entre o livro do Gênesis e Êxodo não se insere na totalidade literária do livro da Torá. Pois a Torá aborda um conjunto mais amplo, no qual os acontecimentos vão se relacionando e as rupturas ganham um sentido extremamente teológico para a instrução do povo de Israel. Na totalidade da narrativa, a escravidão que acontece no Egito serve como preparação para entrada do povo na terra prometida⁴².

Logicamente, como já foi dito no tópico anterior, o eixo deste trabalho se concentra na perspectiva teológica da Tradição Sacerdotal, avançando agora para além das tradições do patriarca Abraão e adentrando o livro do Êxodo. No entanto, a narrativa sacerdotal trabalha usando como base outros textos mais antigos. Assim, seria incompressível elaborar um trabalho sem a participação dos outros textos, dado

⁴¹MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.218.

⁴² MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 216.

que, o sentido só é alcançado na totalidade da obra. Portanto, os dados acima são para situar o leitor dentro do contexto do livro do Êxodo.

Seguiremos então a reflexão observando a posição dos exegetas contemporâneos em relação aos textos não sacerdotais, para que se torne mais ampla a nossa visão, para posteriormente retornarmos propriamente aos textos sacerdotais.

2.2 TEXTOS NÃO SACERDOTAIS NO LIVRO DO ÊXODO

Segundo Macchi, os textos não sacerdotais do Êxodo têm uma narrativa maior do que os textos sacerdotais. Ou seja, eles adquirem três nuances: podem ser anteriores, posteriores ou contemporâneos, não obstante, muitos são visivelmente posteriores. Blum e Otto⁴³ cogitam um relato independente, consagrado à vida de Moisés, enquanto Weimar, Knauf e Oswald, optam por uma narração contendo simplesmente a opressão de saída do Egito. Nessas perspectivas, existe uma analogia do nascimento de Moisés com a lenda do grande rei Sargon de Akkad. O sentido disso é equiparar Moisés com essa figura ancestral, considerado o unificador da antiga Mesopotâmia.

Há textos que procedem de materiais pré-exílicos. Por exemplo, o Código da Aliança (Ex 20,22–23,19) articula um conjunto legislativo que possivelmente tem sua fixação literária no final do século VIII a.C. Seters recentemente tentou de várias maneiras afirmar que o Código da Aliança é uma elucidação feita no exílio relacionando-se com o Código do Deuteronômio.⁴⁴ Algo evidente, que Macchi julga como importante, foi resgate e formulação dos textos não sacerdotais no período do exílio e pós-exílio.

Como quer que seja, vários trabalhos recentes atribuem a inserção do Código da Aliança no livro do Êxodo a uma redação pós-sacerdotal (Crüsmann; Levim; Otto). Fica ainda por explicar a volta do antigo código na época persa;

⁴³ BLUM e OTTO. *Apud.* MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. *In.* ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 224.

⁴⁴ SETERS, John van. *Apud.* MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. *In.* ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 224.

talvez se quisesse reunir na Torá todas as tradições legislativas do povo judeu.⁴⁵

Para Erhard Blum, a malha textual pode ser compreendida no enredo de uma redação ou composição deuteronomista (*D-Komposition*) associada a elementos mais antigos.⁴⁶ Macchi não vê na literatura deuteronomista uma participação independente da ação feita pelos recursos literários da Tradição Sacerdotal. Pois segundo sua análise, parece haver inúmeras influências, assim como a presença de um desejo de fazer uma edição harmônica entre a Tradição Sacerdotal e Deuteronomista.

Von Rad desestimula qualquer tipo de pesquisa que tenha o intuito de encontrar ordenação de matéria literária dentro do episódio do Sinai, mesmo que seja em linha teológica. Para ele seria inútil a tentativa de coadunarem os elementos entre si encontrados no Sinai. Além de serem diversos, a seu ver, esse tipo de procedimento não estaria de acordo com a formulação tradicional que estruturou o Antigo Testamento, que se orientou por princípio extremamente extrínseca.

O que determina sua combinação e sua entrosagem é a referência comum de todas essas numerosas tradições a um só lugar (Sinai) e a uma Só pessoa (Moisés). Assim as matérias extremamente variadas acabaram finalmente por se combinarem ou mesmo se justaporem, sem nenhuma ligação interna, reunindo tudo que havia em Israel sobre a revelação do Sinai, qualquer fosse sua procedência quanto ao lugar e quanto a data. Era a exigência natural para considerar as tradições como documento de uma história divina.⁴⁷

Von Rad é um defensor da existência das tradições antigas, sobretudo, a Tradição Javista, conforme visto no em tópicos anteriores, algo que é rejeitado na atualidade pela maior parte dos biblistas. Deste modo, na concepção de Von Rad, a narração Javista do Sinai seria uma coletânea completa. Esta se daria nos capítulos do Êxodo 19, 20 e 24. Os acontecimentos teriam início com a manifestação divina, que se dá no terceiro dia, com a proclamação de Yhwh instituindo o Decálogo (Ex 20). Depois o povo responde comprometendo-se a ser fiel na decorrência de uma cerimônia cultural.

⁴⁵ MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.224-225.

⁴⁶BLUM. Erhard. *Apud*. MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 224.

⁴⁷ VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**, p. 194.

Von Rad diz que esses acontecimentos “não se ligam imediatamente a acontecimentos históricos, mas é antes a ‘lenda cerimonial’ de uma grande celebração, a antiga festa da renovação da ‘aliança’”.⁴⁸ Com efeito, Von Rad conceitua nessas narrativas um processo de redação em que as tradições Javista e Eloista criaram astuciosamente, para ter um modo que possibilite a apresentação da Tradição Javista dos mandamentos, pois a mesma se tornara obsoleta ao lado de Ex 20, que para Von Rad seria uma literatura Eloista.

Para Macchi, o lugar de abertura do Decálogo se dá na coletânea da legislação feita como código de direito no Sinai, dado que, é de onde se testemunha o desejo de concretizar resumidamente uma legislação para o povo de Israel e esta se encontra em paralelo com o livro do Deuteronômio, “em que o Decálogo abre igualmente a proclamação da Lei de Moisés em Moab, cf. Dt 5”⁴⁹. Portanto, Macchi afirma que o Decálogo, da forma como está hoje, não se trata mais de uma origem legislativa da tradição israelita, todavia, é a síntese de toda sua construção. Ou seja, todos os elementos obtidos desta tradição foram compactados num único texto.

2.3 OS TEXTOS SACERDOTAIS NO LIVRO DO ÊXODO

Retomemos novamente o tema da Tradição Sacerdotal, agora no livro do Êxodo. Será também necessário comentar algumas nuances do livro dos Números, no intuito de observar as relações que dão sentido à totalidade do Pentateuco, visto que há grande debate entre os exegetas sobre a literatura sacerdotal nestas questões.

No livro do Êxodo, conforme Macchi, os textos sacerdotais aparecem com problemas que fica fácil de identificá-los. No tópico anterior já foi esboçado a possibilidade de um texto sacerdotal primitivo e um secundário, segundo Wellhausen.⁵⁰ Recentemente surgiram trabalhos de Schmid, afirmando que, sendo o texto sacerdotal primitivo independente e autônomo, seria ele o responsável por

⁴⁸ VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**, p. 195.

⁴⁹ MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 225.

⁵⁰ A Tradição Sacerdotal Primitiva constituiria a última fonte do Pentateuco, posterior ao Javista, Eloista e Deuteronomista. Ela teria acréscimos tardios no século V a.C., antes de sua integração no texto documental unificado, esses acréscimos seriam uma Tradição Sacerdotal secundária, estabelecida no pós-exílio durante o período do império persa.

estabelecer o elo literário entre a história patriarcal do Gênesis e a nacionalidade de Israel estabelecida no Êxodo.⁵¹

De acordo com esses exegetas, os catorze capítulos têm um itinerário narrativo coerente podendo ser concedido essencialmente ao texto sacerdotal primitivo. Ele se caracteriza pelo modo heterogêneo, que entrelaça elementos literários entre si, estes não sendo sacerdotais. Fundamentalmente eles são encontrados nas genealogias de Êxodo 1e, por conseguinte, na memória da aliança (Ex 2,23-25). Na sequência, aparece no chamado de Moisés (Ex 6,2–7,7) versículos estes relacionados com textos sacerdotais secundários; apenas Ex 6,12 segundo a maioria dos exegetas seriam conferidos ao texto sacerdotal primitivo.

Rendtorff rejeita a existência de uma fonte sacerdotal originária, independente e autônoma. Não obstante, ele reconhece nos textos sacerdotais elementos de estruturação da narração das origens. Dado que, na sua concepção são eles que acentuam a continuidade entre Gn 17 e Ex 6. Para Rendtorff, essas passagens apresentam combinações com componentes deuteronômisticos, que merecem ser pesquisadas com mais detalhes, pois não aparecem na história das origens.

Os textos “sacerdotais” constituem o elemento estruturador da história das origens. São também eles que na continuação colocam acentos de peso, e isto principalmente em Gn 17 e mais longe em Ex 6... Isto explica o fato de começar a falar da “aliança” de Deus com Abraão primeiro em Gn 15 (v. 18), um capítulo cuja substância é “deuteronômística”. E é por isso também que a promessa da terra é introduzida na teologia da “aliança” de Ex 19 e seguintes, própria do Deuteronômio-Deuteronomista. Tudo isso é retomado em Gn 17 (v. 8), um capítulo “sacerdotal” cujos temas particulares são entretanto diferentes.⁵²

Von Rad faz uma relação das tradições antigas com o código sacerdotal do Sinai. E vê no código sacerdotal uma literatura incompleta. Pois o texto sacerdotal, na sua visão, despreza inúmeros regulamentos cultuais que tardiamente foram acrescentados, sobretudo, no que se refere à lei da santidade. (cf. Lv 17–26). Nessa perspectiva obtém as seguintes coletâneas de acontecimentos: a presença de Yhwh no Sinai, a subida de Moisés e as instruções dirigidas a ele, a investidura de Aarão e

⁵¹SCHIMID. *Apud.* MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. *In.* ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 222.

⁵²RENTORFF, Rolf. *In.* DE PURY, Albert. **O Pentateuco Em Questão**, p. 98.

seus filhos como sacerdotes, a construção do tabernáculo e de todos os instrumentos do culto.⁵³

Os textos que se referem à construção da instituição cultural no deserto são concedidos à composição dos textos sacerdotais secundários. Pois os mesmos têm como objetivo estabelecer uma analogia do culto de Israel formado das origens com os da população do segundo templo – templo construído após a saída do exílio na Babilônia. – Essa concepção teria se desenvolvido a partir de um *Grundschrift* (script básico). Todavia, isso foi motivo de grande debate. Alguns autores como Pola, “incluem nele apenas uma dezena de versículos espalhados nos capítulos 24, 25, 29 e 40.”⁵⁴ Ou seja, não há configuração de uma literatura propriamente dita. No entanto, essa posição simplista não é aceita por todos os exegetas.

Muitos seguiram Pola em um de seus argumentos, ao afirmar que o texto sacerdotal termina em Ex 40. Dado que, a relação de Gn 1 e Ex 40 já seja do conhecimento de muitos biblistas e até bem aceito. “O Deus criador de Gn 1 entra em Êxodo no seu ‘palacete’, o santuário feito por Israel no deserto, em sete dias e sob a liderança de Moisés.”⁵⁵ Sendo assim, para Pola, o livro dos Números não possui elementos sacerdotais. Ele usa um tríptico argumento para justificar sua tese. O primeiro é a transformação da linguagem militar em *ecclesia militans*; o segundo que é de difícil identificação, seria o modo do vocabulário e da linguagem a partir de Ex 40; o terceiro é a desconexão dos textos entre si. Portanto, Pola vê nessa situação apenas fragmentos dos textos sacerdotais secundários, ou seja, que foram inseridos posteriormente.

Segundo Ska há um problema simultaneamente literário e teológico, nessa tese de Pola. Conforme o exegeta belga, é necessário definir no sentido literário, qual suporte se teria para a identificação do texto sacerdotal; e de que maneira poderia diferenciá-lo do texto pós-sacerdotal. Ska colocará em questão se isso se trata somente de vocabulário, com o qual foi redigido o texto, ou se há algum problema no sentido estilístico do texto, caracterizado pela Tradição Sacerdotal.

⁵³ VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**, p. 195.

⁵⁴ POLA, Thomas. *Apud*. MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. *In*. ROMER, Thomas; MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 223.

⁵⁵. POLA, Thomas. *Apud* SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco. *In*. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. *Pentateuco da Formação à Recepção*, p. 37-38.

No que se refere à dimensão literária, Ska diz que se devem questionar quais as possibilidades de finalizar uma obra literária bíblica, conforme afirma Pola com o fim do texto sacerdotal em Ex 40. E também, pode haver obras literárias na Bíblia com conclusões abertas. Pois na sua concepção os textos sacerdotais são obras abertas como também todo o Pentateuco. Assim, ele atribui seguramente como últimos textos sacerdotais, ou pelo menos, fragmentos sacerdotais de Nm 13–14 e Nm 20,1-13. Textos estes que dão a explicação do motivo pelo qual o povo permaneceu quarenta anos no deserto, como pena por ter recusado a entrar na terra prometida, pois somente a geração posterior atingirá essa meta.

No que se refere ao ponto de vista teológico, Ska diz que se deve questionar seriamente a promessa de Deus (*El Shaday*), conforme é elaborada pela narrativa sacerdotal, sobre a terra que seria dada aos patriarcas, lembrando que esta é a afirmação de Pola. Essa promessa está inserida na aliança segundo Gn 17,8. Esta também se repete constantemente sempre nos textos sacerdotais; “de Isaac a Jacó em Gn 28,4; por Deus ao próprio Jacó em Gn 35,12; de Jacó a José em Gn 48,4. Enfim, Deus (*Yhwh*) faz o seu povo sair do Egito, para ser fiel a esse juramento (Ex 6, 4.8)”⁵⁶.

Ska questiona a tese de Pola alegando que, depois da construção do santuário no deserto pelos seus seguidores, o Deus (*Yhwh*), segundo os textos sacerdotais, após ter recebido os sacrifícios e o incenso como um soberano, Ele se esquece do que prometera quando adquirira o que desejava. Deste modo, essa atitude de Deus, se assim fosse como afirma Pola, daria respaldo ao modo de agir dos políticos de antigamente quanto aos da atualidade, ou seja, desonestamente, eles teriam fundamento nessa atitude divina. Pois uma teologia nesse aspecto legitimaria as escolhas políticas de hoje como as de antigamente, pois o próprio Deus se mostraria como desonesto e interesseiro. Deste modo, a demagogia usada pelos políticos sobre o povo seria justificada por Deus, ao agir da mesma forma com os Israelitas.

Aqui entra a questão se essas proposições, conforme definidas por Pola e certo número de exegetas, seriam para assegurar e legalizar a autoridade dos sacerdotes de Jerusalém no período exílico, pois parecem ter mais interesse no culto do que na

⁵⁶ SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 39.

terra. Todavia, essa é uma questão, que segundo Ska, permanece aberta devido a própria seriedade que a envolve. E não tem como, nesse trabalho, se estender mais nessas questões devido a sua densidade e complexidade.

Em todos os casos, a presença combinada de material narrativo (especialmente em Ex 1 – 14) e legislativo (em particular a instituição da Páscoa e a construção do santuário) é um traço característico da literatura sacerdotal em geral. Os textos sacerdotais insistem de modo notável na necessidade dos rituais e de culto para o povo libertado.⁵⁷

Os textos sacerdotais são construídos de modo admirável, uma literatura para israelitas libertos do exílio na Babilônia, sobretudo, para fundamentar sua religiosidade. Eles dão base para assegurar a necessidade que os israelitas têm dos rituais e do culto. Com efeito, os cultos pós-exílicos são vinculados com a história patriarcal, que segundo as concepções dos textos sacerdotais, “o Deus de Israel ainda não se tinha feito conhecer sob seu nome próprio Yhwh (Ex 6, 2 ss.), mas sim sob o nome de El Shadai [o Deus Poderoso].” Portanto, é perceptível a insistência da Tradição Sacerdotal na autoridade suprema de Yhwh. Pois conforme ela, todos os acontecimentos referidos às decisões de Faraó, sobretudo, o enrijecimento do seu coração, não partem da sua verdadeira “liberdade”⁵⁸ diante de Deus, ao contrário tudo está submetido à ação divina.

2.4 O SIGNIFICADO DA TERRA PARA ISRAEL A PARTIR DOS PATRIARCAS

Ska elenca a importância da terra para os israelitas, que na sua concepção tem um significado fundamental, pois o Deus que criou todas as coisas, no sentido bíblico, se apossa do universo na sua totalidade, ou seja, de todas as nações que o povoam. Sendo assim, no que é denominado “Tábua das Nações (Gn 10, em sua maior parte um texto sacerdotal), a todas as nações da terra é atribuída uma terra. Falta um único povo, o povo de Israel. A razão é simples: Israel ainda não existe.”⁵⁹

⁵⁷ MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 223.

⁵⁸ Esta liberdade será vista em pormenores posteriormente.

⁵⁹SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco. *In*. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 41.

Fica então o dilema de qual seria a terra de Israel. Com efeito, diz Ska, o Gn 17 é o texto aguardado pelos anteriores. Ele dá sentido às indagações pressupostas a partir de Gn 10. O leitor fica à espera da resposta. Deus, pelo nome de *El Shaday* (Gn 17,1), faz a promessa da terra a Abraão e sua descendência. A terra será entregue futuramente. Por conseguinte, desde Gn 10, fica a expectativa de uma resposta evidente sobre a posse da terra.⁶⁰

Jakob Wöhrle tentou dar solução ao problema de forma literária e até original, dispondo de uma nova exegese de Gn 17, assentada em parte numa redistribuição, ou seja, há um texto central, onde outros textos estariam inseridos, a partir daí se daria uma serie redacional. O núcleo de seu argumento é tratado de forma simples. A saber, a oferta da terra aos patriarcas em Gn 17. “A ti, e tua raça depois de ti, darei a terra em que habitas, toda a terra de Canaã, como possessão perpétua, e serei vosso Deus.” (17, 8). Não obstante, essa oferta é renovada em cada geração. “Os patriarcas e seus descendentes depois deles terão o usufruto da terra, não a propriedade. O único e exclusivo proprietário da terra é Deus.”⁶¹

No ponto de vista de Ska, essa tese de Wöhrle não se sustenta a um exame rigoroso, por três motivos principais. Primeiro por causa da linguagem da Tradição Sacerdotal, dado que, trata-se de uma linguagem muito clara no que se refere a esse enredo, “a posse da terra prometida a Abraão será ‘uma posse eterna’ (Gn 17, 8; 48, 4).”⁶² Deste modo, para Ska é difícil de conjugar essa proposição assinalada pelo Gênesis, intercalando com o usufruto da terra pelas gerações, sem que eles fossem os próprios donos.

Segundo, o fato de apontar Deus como único possuidor da terra e os israelitas serem apenas inquilinos, é construção do Levítico e não da Tradição Sacerdotal. Terceiro, se for admitido a composição da Tradição Sacerdotal no início do retorno do exílio, tendo como finalidade o convencimento do retorno a terra prometida, essa

⁶⁰SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 41

⁶¹WÖHRLE, Jakob. *Apud.* SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 41.

⁶²SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**, p. 41.

provisoriamente de permanência na terra seria impensável. Esse argumento só funcionaria para persuadi-los como uma posse exclusiva, ou seja, os exilados retornariam como proprietários da terra.

A questão da terra para os israelitas é de suma importância, no entanto, não será aprofundado mais para não dispersarmos do assunto central. Todavia, Ska dá uma solução para a questão da terra, mais para isso é necessário adentrar no livro dos Números. Neste livro está a explicação pela qual o povo, assim como Moisés e Aarão, não entrou na terra prometida. Para solucionar essa questão, a autora belga, vê a necessidade de inserir de forma relacional no relato de Ex 6,8 a passagem de Nm 14, 30 e 20, 12. Pois conforme sua ideia, só fazendo essas relações que o leitor poderá entender o sentido da terra no conjunto literário. Assim, será terminado por aqui esse assunto, dado que, ele só foi abordado para conscientizar o leitor o quanto é significativo o tema da terra para o povo de Israel.

2.5: O LUGAR DOS PATRIARCAS NO GÊNESIS COMO PRÓLOGO À ALIANÇA MOSAICA

Gênesis ou “história das origens” é um título apropriado para o primeiro livro da Bíblia. Dificilmente algum estudioso moderno das ciências bíblicas discordará de que, o livro do Gênesis tenha uma formação composta de várias fontes literárias. Christoph Uehlinger em sua exposição sobre o nome e a unidade do Gênesis, descarta a possibilidade dos capítulos iniciais serem história propriamente dita, mas para ele trata-se de um ciclo das origens, ou seja, um conjunto de obras fundamentais, ou até mesmo uma introdução. O sentido da construção redacional, por assim dizer, pode ser definida, segundo Christoph, como uma introdução e esta tem a finalidade de introduzir quem a lê na história de um saber fundamental sobre os dados da existência humana, “cujas epopeias desenvolverá em seguida num aspecto particular.”⁶³

Já foi visto anteriormente a importância do ciclo de Abraão na perspectiva da Tradição Sacerdotal. No entanto, para dar mais ênfase neste ponto do trabalho, será elencado o livro do Gênesis no intuito de levar o leitor a uma melhor compreensão do

⁶³ UEHLINGER, Christoph. Genesis 1 – 11. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.146.

raciocínio pretendido neste capítulo. Vale a pena ressaltar que a escolha de Abraão, conforme a pesquisa de Christoph, bem como também dos filhos de Israel, segundo a concepção da Tradição Sacerdotal. Ele dará vazão para a construção literária em torno do *Sabbat* – A ideia fundamental do *Sabbat* é não realizar qualquer atividade de trabalho – e depois do culto. Esses dois elementos servirão para a instituição do paradigma de nação pretendido pela Tradição Sacerdotal.⁶⁴

A intenção da construção literária pela Tradição Sacerdotal tem o intuito de fazer sólida a identidade dos israelitas exilados que haviam perdido a terra, o templo e a monarquia. Nesta situação, a maior parte do povo já se encontrava descrente, ou até mesmo tendendo a assumir as religiões pagãs. Portanto, a narração sacerdotal faz a releitura da história antiga e a harmoniza com os dados da realidade contemporânea, que era a causa dos problemas. Assim, a Tradição Sacerdotal adequadamente realiza uma obra que aproxima a comunidade de Israel da melhor forma possível ao fundamento de um Deus único, criador do cosmo e da sua oferta de vida para todo o mundo, como soberano das nações. A teologia da criação, portanto, é o primeiro fundamento da condição de possibilidade de relações amistosas e da “construção” de um Patriarca “ecumênico”.

Conforme De Pury, e isso é fundamental para a reflexão deste capítulo, o que faz a junção do livro do Gênesis com os demais livros do Pentateuco, são os elementos contidos no acontecimento da morte de Jacó. Pois o mesmo morre no Egito, e da geração dos seus filhos é que se forma o povo hebreu, o qual Moisés reunirá para a saída do Egito. Além disso, diz De Pury que Gn 15, 13-16 é o único relato que faz menção clara ao livro do Êxodo, que não eliminará sua característica unitária. Para ele, há muitas passagens que contêm elementos que possivelmente podem dar ao livro do Gênesis uma independência original. No entanto, para que o livro do Gênesis tenha o estatuto de prólogo, toda precaução foi tomada na sua redação final, no sentido de fazer do seu contexto um episódio unitário concretizando assim sua nuance de texto único.⁶⁵

⁶⁴UEHLINGER, Christoph. Genesis de 1 – 11. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.163.

⁶⁵DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.172.

De Pury constata que no ciclo de Jacó há uma história completa das origens de Israel. “Uma história que basta a si mesma e não tem necessidade de um prólogo (Noé, Abraão et.), nem de um epílogo de (Moisés etc.)”⁶⁶. Por isso, para De Pury, é um ciclo independente que se fundamenta em si mesmo. Pois o mesmo tem todas as características de uma fundamentação narrativa.

Em si mesmo, o ciclo de Jacó fundamenta, tudo aquilo que pede para ser fundamentado, explica tudo aquilo que deve ser explicado: o nascimento ou origens de Israel, a existência de Israel como conjunto tribal, estruturado ao sabor de suas configurações genealógicas sutis e evolutivas, seu direito ao seu território nas montanhas da Palestina central, seus principais santuários (Siquém, Betel, Peniel, Maanaim), suas convenções de intercasamento com tribos aramaicas, suas relações mais ou menos conflituosas com tal grupo vizinho (Esaú) ou tal cidade de Siquém).⁶⁷

Sendo assim, De Pury vê no ciclo de Jacó um desenvolvimento como se dá na atualidade diferente da forma original como possivelmente o texto foi criado. Podem ser constatados elementos, que tem grandes possibilidades de terem sido introduzidos tardiamente, pois do contrário, Jacó não se configuraria num patriarca. Haja vista, na narrativa de sua vida aparecem nuances que não o tornam exemplo que possa ser seguido pelos seus descendentes. Com efeito, ele seria destituído da característica de patriarca dos dois reinos, Sul e Norte.

Não pode ser atribuída exclusivamente à Tradição Sacerdotal a invenção de Jacó como ancestral dos israelitas que partiram do Egito. Primeiramente sendo epônimo do Reino do Norte e mais tarde de Judá, está ele muito bem situado nos profetas pré-exílicos, dirá Mckenzie.⁶⁸ Todavia, anteriormente se tratava de tradições antagônicas e até inimigas. Deste modo, é grande a oportunidade que a Tradição Sacerdotal tem para ser a primeira que inaugurou a “história do ancestral tribal a um projeto global da apresentação das origens do povo de Yhwh e de sua missão no Mundo.”⁶⁹

⁶⁶DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 181.

⁶⁷DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.181.

⁶⁸MCKENZIE, *Apud*. DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.184.

⁶⁹DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.185.

Desta forma, De Pury destaca a maneira com que a Tradição Sacerdotal construiu essa narração literária. Segundo ele, foi de forma extremamente prudente, rejeitou o que causou ruptura com os que defendiam a tradição profética. Jacó foi posto à sombra de Abraão. Deste modo, Abraão tornou-se por excelência aquele a quem foi destinado à aliança. (Gn 17,1). Com efeito, De Pury afirma que se não fosse a construção literária sacerdotal, mesmo que de maneira lacônica, a história de Jacó e sua gesta só seria conhecida hoje pelas menções feitas no livro de Oseias.

Mariosan de Sousa Marques, em sua pesquisa sobre o Gênesis 18,1-15, esboça a conexão existente com Gênesis 17,23-27, dado que, estilisticamente Gênesis 18,1-15 é considerado um texto da tradição Javista. Portanto, na sua concepção Gênesis 17,23-27 antecede 18,1-15. O ponto fundamental que sustenta essa afirmação é a função sintática na expressão inicial, “Yhwh apareceu a ele”.

Sintaticamente, o antecedente sujeito retomado pelo pronome “ele” é Abraão, como referido em Gn 17,26. Além dessa função inicial, os capítulos 18 e 19 pressupõem a mudança dos nomes de Sarai para Sara e de Abrão para Abraão, mudança essa ocorrida no capítulo 17. O fato de que em Gn 18,9-15 Abraão não mostre surpresa no anúncio do nascimento é mais fácil de compreender se se pressupõe o anúncio já feito em Gn 17.⁷⁰

A relação entre esses dois capítulos, conforme Mariosan, é extremamente nítida, pois até o tempo já é determinado em Gn 17 e depois reiterado em Gn 18,14. Isso dá a entender que quem redigiu Gn 18,1-15, tinha o conhecimento do assunto da argumentação de Gn 17. Por isso, quem se propor a ler Gn 18,1-15 deve ter em mente a leitura precedente de Gn 17. Na conexão estrutural, Gn 17 determina a função narrativa de Gn 18 dentro do ciclo de Abraão. Não obstante os textos serem de tradições diferentes, Gn 18,1-15 é construído focado no texto anterior. Esses pressupostos servem de chave de leitura para os capítulos posteriores.

Para Von Rad, as tradições que ele considera como as mais antigas – Javista e Eloista – apresentam a promessa de Deus a Israel no seu duplo sentido; garantia da terra e posteridade incalculável. Isso não significa que no decorrer da história de Israel, haja sempre um retorno ao passado que o povo de Israel fez de si mesmo, antes se trata de uma relação com Deus, exclusiva. Não significa que seja rejeitada a

⁷⁰ MARQUES, Mariosan de Sousa. **Da Reverência ao serviço, da Incredulidade ao Temor: um Estudo Crítico-Narrativo de Gn 18, 1-15.** Goiás: Espaço Acadêmico, 2016, p. 22-23

cultura e as tradições que o povo exercia em tempos remotos. A saber, Israel não se projetou para ser o povo de Deus no futuro, mas é o povo de Deus sempre.⁷¹

Mariosan, como vimos acima na sua pesquisa sobre Gn 18, 1-15, identifica esse texto como pertencente a Tradição Javista pelas inúmeras expressões típicas, com estilo dessa tradição. Todavia, diferente de Von Rad, segundo Mariosan, as pesquisas mais atuais demonstram que a perícopé Gn 18,1-15 seja uma redação tardia, possivelmente posterior ao século VI, que se daria no período exílico e pós-exílico babilônico.

“O redator final, provavelmente Sacerdotal (P), herdeiro de uma tradição antiga e de um texto de base (*Grundschrift*) havia composto em definitiva as estórias patriarcais”⁷². Portanto, nesses elementos houve uma integração de acréscimos da teologia construída pela Tradição Sacerdotal. Não obstante, a finalização, com os acréscimos de retoques decisivos só se daria numa redação pós-sacerdotal.

2.7 LAÇOS ENTRE TRADIÇÃO DO GÊNESIS E ÊXODO

Foi exposta uma sintética pesquisa sobre o livro do Êxodo e Do Gênesis elencando as possíveis tradições que estruturaram suas formas narrativas. Desse modo, a pesquisa agora se ocupará de maneira mais precisa – pois já foi tocado nesse assunto de forma superficial, sobretudo, no tópico do Êxodo – do elo de ligação ou sobre a relação existente entre esses dois livros.

Conforme Ska, a pesquisa sobre essa relação não se trata de algo inaudito da exegese moderna, no entanto, só recentemente adquiriu notável interesse. “Trata-se dos laços entre as Tradições do Gênesis e as do Êxodo.”⁷³ O que é mais defendido nesta concepção dos laços entre essas tradições na atualidade é a existência de dois mitos da fundação israelita. Ou seja, essa relação trata-se de uma construção literária para a união das tribos.

⁷¹VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**, p. 176-181-182.

⁷²MARQUES, Mariosan de Sousa. **Da Reverência ao serviço, da Incredulidade ao Temor: um Estudo Crítico-Narrativo de Gn 18, 1-15**, p. 27-28.

⁷³ SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 109.

Na observação de Ska, o que abre o estudo para o tema do relacionamento entre as tradições do Êxodo e Gênesis é a constituição do primeiro conteúdo do livro do Gênesis, pois para o autor belga, esse conteúdo se revela como uma narrativa dos patriarcas. A saber, conforme essa narrativa, Israel é identificado pela característica genealógica. Sendo assim, um membro do povo de Israel é definido a partir da descendência dos três patriarcas: Abraão, Isaac e Jacó. Ska destaca que, mesmo Ló sendo parente de primeira linha de Abraão, “ambos eram primos primeiros”, não se pode presumir alguma relação dele com a descendência. Nem de Ismael, que era filho de Agar a escrava de Sara. E tampouco de Esaú considerado preterido por Deus em relação a Jacó.

Com isso, pode-se chegar à compreensão que a identidade do povo de Israel, deste modo, é genealógica e étnica. Ska vê essa narrativa como um mito de informações, ou seja, é uma construção literária pela Tradição sacerdotal para enfatizar as origens do povo de Israel pelo princípio do conteúdo patriarcal, algo que já foi visto no tópico anterior no ponto em que se refere à descendência.⁷⁴ No dizer de Ska, paralelamente a esse mito, ou essa narrativa primeira que estabelece a fundação de Israel, tem outra responsável pelo conceito jurídico, que se sustenta na observância da lei da aliança, isso seria o segundo mito.

A narrativa da lei e da aliança, definida por Ska como mito Jurídico, perpassa os demais livros seguintes, a saber, esse mito jurídico está presente desde o livro do Êxodo até Deuteronômio, tendo sua centralidade na pessoa de Moisés.

Se o primeiro princípio deriva da ordem da natureza e dos vínculos de sangue, o segundo deriva da ordem da liberdade e da cultura, porque está fundado sobre o compromisso livre da aliança e sobre a promessa de observar a lei (Ex 24, 3-8).⁷⁵

Conforme Ska cita acima, fica evidente o antagonismo no aspecto entre o vínculo de sangue e a observância da lei. Pois, conforme os dados da narrativa bíblica que serão vistos, é perceptível a unilateralidade da primeira aliança, já que esta pouco exige da conduta do povo. “O mundo do livro do Gênesis é do clã, e Deus é o aliado

⁷⁴A genealogia, portanto, tem a função de definir o eixo familiar, de estabelecer relações entre o presente e o passado, como também entre os povos circundantes, possibilita o povo israelita a se encontrar na criação e no meio das nações.

⁷⁵ SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 109-110.

incondicional do clã, se for lícito exprimir-se assim.”⁷⁶ Sem precisar fazer muito esforço pode-se perceber que a história, tanto de Abraão quanto de Jacó tem sérios problemas morais.

Em Gn 12,12-13, por medo de morrer pelos egípcios, Abraão finge ser Sara sua irmã, não importando deixá-la nas mãos de Faraó e até recebendo dele agrados em detrimento de sua esposa. Em Gn 20,2-5 Abraão novamente nega mentirosamente seu casamento com Sara, colocando a vida do rei Abimelec em risco, por causa de sua esposa.

O patriarca Jacó, conforme observa De Pury, também não é o exemplo perfeito de virtude.

Os conflitos não desembocam normalmente em enfrentamentos sangrentos, mas se resolvem nos regateios, na esperteza, nas falcatruas e, no final das contas, no compromisso. O ancestral Jacó não é modelo nem de virtude nem de piedade, mas é um expedido, um sedutor (temido pelos homens e sempre apoiado pelas mulheres), um realista, um ganhador!⁷⁷

Poderia até se fazer um julgamento das atitudes dos patriarcas do ponto de vista moral. Todavia, fazer isso com o olhar de hoje, sem entender a cultura da época, seria um anacronismo ilógico. Pois essas narrativas devem ser entendidas numa dinâmica pedagógica que se dá de forma gradual. A saber, é a ação de Deus manifestada para o desenvolvimento de um povo, que tem sua origem em uma família e depois se tornará uma grande nação.

No livro do Êxodo a peculiaridade sanguínea já não tem influência no relacionamento com Deus. Deste modo, frui uma ruptura com o caráter genealógico, o que dá ênfase à característica da liberdade e do compromisso. A partir de então, o relacionamento com Deus se dá na resposta devida à lei e à aliança.

Para Ska, do ponto de vista literário, o elo que faz coadunar os dois livros são muito estreitos, ou seja, são escassos e só podem ser percebidos no conjunto da obra. Para muitos biblistas se deu tardiamente. A saber, o elemento da terra prometida tão relevada em relação aos patriarcas no livro do Gênesis, desaparece quase totalmente no livro do Êxodo, pois, se toca pouco nesta questão. Só em Ex 32,13–33,1 se fala

⁷⁶ SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 110.

⁷⁷DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.182.

sobre isso. Sobretudo, após o povo sair do Egito tendo Moisés como protagonista, sendo ele o enviado de Deus para conduzir o povo. A promessa feita a Moisés não se refere mais a promessa dos patriarcas, mas sim, “a terra onde corre leite e mel” (Ex 3,8-17). E isso logo após ter se revelado como Deus dos três patriarcas (Ex3, 6.15.16; 4,5). Ou seja, Deus faz referência aos patriarcas, mas não a promessa feita a eles, no entanto, parece haver uma exclusividade ao prometer a Moisés que dará ao povo uma terra onde corre leite e mel.

Por causa dessas nuances que esboçam os textos, estes tidos como sacerdotais, é onde se dá de forma mais evidente os laços entre o livro do Gênesis e do Êxodo. Dado que, isso ainda não tinha sido feito anteriormente. Deste modo, para Ska, essas narrativas fazem do livro do Êxodo o cumprimento das promessas feitas no livro do Gênesis (Ex 2,23-25; 6,2-8).⁷⁸

K. Schmid não vê solução nos problemas que envolvem a relação entre o livro do Gênesis e do Êxodo. Na sua tese – *Genesis and Moses Story*– os textos que envolvem os livros trata-se de algo que ainda permanece problemático, visto que ainda não há uma resposta satisfatória.⁷⁹

Resta saber, por exemplo, se o final da história de José não previa a volta dos filhos de Jacó ao Egito e se o nascimento de Moisés possa ser interpretado independentemente de Ex 1 e da ameaça que paira sobre todos os recém-nascidos de Israel depois de Ex 1,22, como pensam alguns.⁸⁰

Com essas questões colocadas por Schmid, Ska elenca alguns problemas teológicos que no seu parecer permeiam o livro do Êxodo. No entanto, ele se limita em citar apenas aqueles que julga serem importantes. Os dois primeiros dizem respeito ao endurecimento do coração e a morte dos primogênitos, estes são os mais conhecidos. A partir desses se seguem outros dois que é a importância da lei e do culto. Assim, Ska se deterá nesses problemas mais enfaticamente, pois na sua concepção torna-se necessário explicitá-los melhor.⁸¹

Para Ska já existe uma vasta bibliografia que trata sobre a questão teológica da liberdade. “Se Deus endurece o coração do faraó, este ainda é responsável pelos

⁷⁸ SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 110.

⁷⁹ K. Schmid *Genesis and Moses Story*. Apud. SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 110.

⁸⁰K. Schmid. *The So-Called Yahwist and the Literary Gap between Genesis and Exodus*. Apud. SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 110-111.

⁸¹ SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 111.

seus atos e conseqüentemente, pode ser castigado por Deus?”⁸² Nesse aspecto numerosas soluções são colocadas, todavia, Ska se detém em pesquisar o contexto do endurecimento do coração explicitando a questão mais na dimensão profética.

Moisés procura convencer faraó através da argumentação, não tem a intenção de incitá-lo a guerra. Em analogia com essa narrativa do Êxodo, Ska ressalta os textos proféticos que para ele são mais importantes: Is 6,10; Ez 2,4; 3,7. Além do mais, os textos sucessivos de Ex 14 não contém, segundo Ska, narrativas que fazem menção a batalha, ou seja, não existe confronto. Israel é um expectador passivo, não há nenhuma influência sua sobre a derrota dos egípcios, conforme Ex 14,13-14.30-31.

Portanto, ao questionamento sobre o sentido teológico do endurecimento do coração de faraó, resumidamente Ska dirá que é necessário que o tema seja recolocado no contexto cultural. A saber, nesse período o mundo girava em torno de um teocentrismo, diferente da realidade atual que é completamente antropocêntrica. Portanto, toda a trama narrativa está centrada no poder de Deus, pois mesmo faraó sendo o personagem mais poderoso da época não pôde se esquivar do poder de Deus, nem tampouco rejeitar sua palavra, que se deu através de Moisés.

A morte dos primogênitos é algo intragável para a cultura contemporânea. “O que pensaram os pais egípcios desse amor de Deus que massacra meninos inocentes?”⁸³ Novamente Ska dá relevância, na necessidade de averiguar para resolver esse problema, ao contexto cultural e literário da época. Pela visão cultural é nítido que a narrativa bíblica não tem nenhum interesse em compreender o ponto de vista dos egípcios. Ele é passivo e se desenvolve unilateralmente. A sua única finalidade é a libertação do povo de Israel.

Referente à visão literária, a morte dos primogênitos é a última das pragas. Esta foi precedida por nove, no sentido de avisar os egípcios e faraó. Ou seja, eles foram avisados de forma incisiva como demonstram os relatos. Todavia, Ska deixa em aberto esta questão, que para ele requer um trabalho minucioso. Evidenciando, que esse texto não pode mais ser tomado literalmente, assim, deve-se buscar “uma teologia mais atenta à dignidade de todos os seres humanos diante de Deus, bem como à justiça universal.”⁸⁴

⁸²SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 111.

⁸³SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 113.

⁸⁴ SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 113.

As leis segundo Ska são fundamentais para a constituição de Israel como nação. Pois, Israel tanto no Egito quanto na Mesopotâmia foi influenciado pelos povos aos quais foi subjugado. Deste modo, para que Israel se constituísse uma nação independente, tanto do ponto político, quanto ideológico, tornou-se fundamental que possuíssem leis próprias, sobretudo, depois do exílio. Para se firmar como uma nação adquiriu suas leis peculiares das quais tem profundo orgulho.

É bom observar que as leis de Israel, conforme Ska são muito antigas. Diferente das outras nações em que as leis eram ligadas a um território e dadas pelas autoridades que as governavam. No caso de Israel, a lei é sempre referente a Moisés, ou seja, não se fala de lei de Josué, de Saul ou de Davi etc. Isso significa que a lei antecede a realeza, o que para Israel é um dado fundamental.

Os textos que se referem ao culto, segundo Ska, que apesar de ocuparem pouco mais de um quarto do livro do Êxodo (Ex 25–31; 35–40), não são tão relevantes. Isso se dá por vários motivos, sobretudo, pelo fato de serem difíceis, ou seja, devido ao modo como são articulados dificulta a compreensão, o que torna exigente e densa a pesquisa. Ska também ressalta que os leitores cristãos ao terem em mente a Carta aos Hebreus, que prioriza o culto da nova aliança em relação à antiga (Hb 8, 1 – 9,28), desinteressam em se envolver numa pesquisa minuciosa dos textos que narram o culto, conforme o livro do Êxodo no que diz respeito estritamente ao culto.

Contudo, o estudioso belga nota que não é sem motivo que o livro do Êxodo dá uma relevância significativa ao culto.

Certamente, é preciso sem dúvida recolocar esses capítulos no contexto histórico, o da comunidade pós-exílica que se reconstrói em torno do templo e que, portanto, concede sempre mais valor ao culto, que toma uma função claramente identitária. “Israel” é, antes de tudo, uma comunidade que se distingue pelas suas instituições culturais. Os livros de Crônicas forneceram, a esse respeito, uma ampla confirmação de importância que o culto adquire durante a época persa e helenista.⁸⁵

Deste modo, Ska vê no culto um processo de transição da escravidão ao serviço. A saber, o povo que vivia na escravidão do Egito foi libertado para oferecer a Deus o sacrifício no deserto. Isso não se deu imediatamente na compreensão do povo, mas de forma gradativa, de tal modo, que Israel se tornou um reino sacerdotal através

⁸⁵SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p.116.

do culto. Esta dimensão se torna patente na comunidade pós-exílica, dado que, Israel mesmo não tendo rei tem sua definição pelo caráter sacerdotal. Assim, Israel, em relação a Deus, tem uma conotação um tanto quanto diferente dos outros povos, pois está a serviço, como servidores de um soberano, diferente de outros povos que são meramente súditos.

Em Ex 40,34-35, o exegeta belga vê uma possível narrativa sobre a soberania de Deus e sua entronização na Tenda Reunião ou do Encontro, o que para ele é predominantemente o ponto essencial para concluir o livro. O relato da criação (Gn 2,2-3) – texto não sacerdotal, possivelmente mais antigo – é concluído com o descanso de Deus. Segundo Ska, esse relato fica à espera do texto sacerdotal a qual pertence (Gn 1,1 – 2,3). A concatenação entre estes textos é dada tenuamente na inserção de Deus, que pela escolha de um povo, agora passa a ser conhecido como soberano e reina sobre a sua criação. Ou seja, um Deus próximo que não é indiferente àquilo que Ele criou.

As considerações que foram feitas em relação àquilo que se possa intercalar entre o livro do Gênesis e do Êxodo, conforme, vimos neste capítulo, são imprescindíveis para a compreensão universal do Pentateuco, segundo a teologia da Tradição Sacerdotal. Visto que, esta tem a intenção de unificar as tribos israelitas que foram fragmentadas, sobretudo, na diáspora empreendida pela invasão babilônica. Essas relações são tênues, porém, de grande significado, sem elas seria difícil reconstruir uma nação unificada do modo proposto pelos sacerdotes para o povo israelita no período pós-exílico.

Portanto, no próximo capítulo iremos identificar de forma mais precisa a figura de Abraão como um patriarca ecumênico. Conforme foi estabelecido pela Tradição Sacerdotal, elencando os elementos que favoreceram para essa dimensão. Expondo também a pessoa de Moisés, visto ser ele um ícone para a nação israelita, será então, explorado as possíveis similitudes entre esses dois personagens, sobretudo, no que diz respeito ao título “amigo de Deus” atribuído mais eficazmente a pessoa de Abraão. No entanto, Moisés também, como será visto, pode ser identificado com esse título devido sua intimidade com Deus, não obstante, essa relação de amizade de Moisés com Deus têm nuances diferentes da forma como se dá com Abraão.

3 ABRAÃO FIGURA ECUMÊNICA

Como já foi visto resumidamente na introdução deste trabalho, Abraão é o patriarca por excelência. Sobretudo, na narrativa formulada pela Tradição Sacerdotal. Neste capítulo a pesquisa se concentrará de maneira mais específica na figura de Abraão. Para isso, será necessário retomar alguns tópicos dos capítulos anteriores, não num sentido repetitivo, mas dando sequência lógica para uma boa compreensão do objetivo deste trabalho.

3.1 FILHOS COM ESTRANGEIROS

Um dado interessante exposto por De Pury, que parece impressionar os exegetas, é o modo como já de início nos relatos bíblicos em torno de Abraão, ele é colocado como uma figura ecumênica. Pois conforme a pesquisa de De Pury, mesmo antes do nascimento de Isaac, em Gn 17 Abraão apresenta Ismael diante de Deus. Sendo esta passagem parte de um texto sacerdotal, essa atitude mostra a intenção da narrativa de tornar Abraão um patriarca universal, mesmo que haja uma diferença significativa entre Ismael e Isaac, visto que, há uma promessa primordial exclusiva a Abraão sobre sua descendência a partir de Isaac (cf. Gn 17, 21). Ismael, contudo, não deixa de usufruir (cf. Gn 17, 20) de uma aliança mesmo que seja secundária, se é que possa se chamar assim.

Os ismaelitas são conhecidos pelos anais assírios e pelas inscrições babilônicas: uma federação das tribos árabes designada sob o nome *Shumuil* é atestada para o norte da Arábia entre meados do século VIII e o início do século VI aC. Pelo menos seis dos nomes dos filhos de Ismael enumerados em Gênesis 25, 12-15 correspondem a nomes de tribos dessa federação.⁸⁶

A posição de Ismael, no que diz respeito aos povos que não são considerados herdeiros da promessa a partir de Isaac, chama a atenção pelo fato de ter um status de primogenitura dos não herdeiros, dado que, em Gn 17 ele tem a promessa de que Deus cuidará da sua gesta. É verdade, conforme Ska, que como Ismael, Ló, este

⁸⁶DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.183.

considerado o patriarca dos moabitas e amonitas, os filhos de Cetura (Gn 25, 1-6) e por fim Esaú, todos são excluídos da promessa feita a Isaac. No entanto, todos eles fazem parte da família de Abraão, mesmo não estabelecendo entre eles laços harmoniosos.⁸⁷

Para De Pury, a finalidade da promessa feita exclusivamente à trinca patriarcal – Abraão, Isaac e Jacó – tem um sentido cultural. Ou seja, “Esse ramo, saído do filho que haveria de nascer de Sara, designa os filhos de Israel cuja vocação é que se tornem construtores do Templo e os sacerdotes da humanidade (cf. Ex 19,2-6).”⁸⁸ Portanto, essa ação de Deus feita aos patriarcas configura-se conforme De Pury, a uma vocação. Deste modo, ele vê nesse chamado um posto de responsabilidade dado a Israel, o fato de ter sido escolhido para ser o portador da promessa, deveria ter levado a ser também o promotor e não ter tomado posse dessa promessa como um povo privilegiado exclusivo, mas antes como uma tarefa.

De Pury toma como elemento também, para assentar a tese de Abraão como um patriarca ecumênico, a aquisição da gruta de Makpelá (Gn 23). Segundo ele, além dela se tornar a sepultura de Sara, se tornou também a de Abraão de Isaac e de Jacó e possivelmente de todos os patriarcas abraamitas. Mesmo aqueles que não fizeram parte da promessa exclusiva, a que foi feita a partir da geração de Isaac, foram lá sepultados, provavelmente. De Pury afirma que conforme a Tradição Sacerdotal, a caverna de Makpelá era compartilhada entre ismaelitas, edomitas e judeus. Este acontecimento para as outras tradições foi insuportável, que segundo De Pury foi o que causou a inserção da narrativa em que foram expulsos Ismael e sua mãe por Sara, (cf. Gn 16* e 21,1-21).⁸⁹

Já vimos o significado da cidade de Hebron na teologia sacerdotal no primeiro capítulo. A saber, Hebron tinha abertura para o deserto do Sinai e era um lugar de transeuntes do comércio, pois ligava a Judeia ao extremo sul da Arábia. Os ismaelitas eram integrantes dos povos que faziam negócios e frequentavam o Templo em Hebron, no período do século VI a.C. No entanto, De Pury, diz que muito antes dos ismaelitas, “Abraão representou o pai comum a quem podiam se reportar ou a quem

⁸⁷SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 94-95

⁸⁸DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.185.

⁸⁹DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p.185-189.

procuravam se afiliar os diferentes grupos que frequentavam o mercado e o santuário de Hebron.”⁹⁰

De Pury afirma que em relação ao nome de Abraão, havia uma etimologia popular, não obstante, uma etimologia errônea, pois o povo o interpretava como “pai de uma multidão” em Gn 17, 5. Esse dado para De Pury, é o que indicará a dimensão de Abraão como medianeiro ancestral de uma diversidade de nações.⁹¹

3.2 INDÍCIOS PROFÉTICOS SOBRE ABRAÃO

De Pury elenca dois testemunhos proféticos estabelecidos no tempo do exílio, que segundo ele, possivelmente são anteriores à Tradição Sacerdotal Primitiva, os quais se deram logo no início do exílio. Esses testemunhos dão ênfase ao personagem de Abraão como uma figura simultaneamente folclórica e tutelar, primeiramente Ez 33,23-29. O profeta, que estava no exílio, fica enfurecido com as pessoas que permaneceram na região de Jerusalém e que se apossaram do nome de Abraão no intuito de adquirirem a posse da terra.⁹² Ele denuncia as práticas abomináveis feitas pelo povo, sobretudo, as que se referem a homicídio, adultério e idolatria.

De Pury vê nessa passagem a pretensão das pessoas de possuírem as terras que foram prometidas por Deus a Abraão, por isso, a insatisfação do profeta Ezequiel. Visto que, para essas pessoas as terras não pertenciam as elites hierosolimitanas deportadas. Assim, dirá De Pury em relação a essas pessoas: “São numerosos no local (cf. 33,24) e, além disso, representam uma população compósita, pluriétnica e sem dúvida em vias de se misturar. Para Ezequiel, contudo, o *melting pot* abraâmico de Hebron só inspira horror e repugnância.”⁹³

A denúncia do profeta Ezequiel, sobre os sobreviventes que ficaram nas regiões de Jerusalém após a invasão babilônica tem por objetivo criticar o

⁹⁰DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*: ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 188.

⁹¹DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*: ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 188.

⁹²DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*: ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 188.

⁹³DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. *In*: ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 188.

comportamento que eles tiveram, usando o nome de Abraão para justificar seus procedimentos, que na concepção do profeta são muito negativos. Pois, conforme J.L. Sicre Dias, após os acontecimentos que terminaram com o exílio de Judá, os que não foram exilados começaram a organizar-se se fiando em suas próprias capacidades. Para isso, eles denegriram a promessa de Deus feita a Abraão, alegando terem superioridade pelo fato da singularidade de Abraão. Deste modo, pelo motivo de serem numerosos, concluíram que tivessem o direito, até mais do que o teve Abraão.

Os Israelitas, também daquele tempo, consideraram-se herdeiros dessas promessas, e é sentimento legítimo; porém não é assim o raciocínio *a minore ad maius*. Porque possuir a terra não está na função do número, mas é dom de Deus; quanto a aplicar números, é válida a proporção inversa, já que Deus escolhe os pequeninos.⁹⁴

Mesmo sendo legítimo o desejo da posse da terra, haja vista, serem eles herdeiros de Abraão, o que intensifica a indignação do profeta é a rebeldia na qual eles se encontraram, pois não viviam de acordo com os desígnios de Deus.

Em segundo lugar, De Pury coloca a passagem Isaías 51,1-2, como um relato que demonstra a descendência de Abraão que, além de numerosa, também é múltipla. De Pury observa que nessa narrativa do livro de Isaías não possui conotação polêmica, pelo fato de Sara ser mencionada como mãe. Esta menção de Sara, temos que definir bem a quem o profeta está dirigindo a palavra, ou seja, aos israelitas. Isso significa que para De Pury, foi necessário colocar o nome de Sara por causa da multiplicidade dos descendentes de Abraão, pois, se não fosse colocado o nome dela poderia ser polemizado a qual das descendências Isaías estaria se dirigindo.

Sicre nota que em Is 51,1-2 é logicamente uma palavra dirigida ao povo de Israel que continua fiel aos desígnios de Deus. A saber, àqueles que praticam a justiça e observam os mandamentos do Senhor. Todavia, “O povo está agora dizimado, reduzido a um resto, longe da pátria arrasada. São estes dois aspectos que responde a palavra de consolação.”⁹⁵ As palavras de consolação pronunciadas por Isaías são dirigidas a esse povo que apesar de estar sofrendo continua fiel. Não obstante, para Sicre, em Is 51,1b-2 Abraão é um paradigma de fecundidade, mesmo sendo Israel o

⁹⁴ SHÖKEL L. Alonso. SICRE, Dias J.L. **Profetas II**. São Paulo. Paulinas, 1991, p. 833.

⁹⁵ SHÖKEL L. Alonso. SICRE, Dias J.L. **Profetas I**. São Paulo. Paulinas, 1988, p. 331.

portador da promessa exclusiva, não implicando que ele seja resignado como patriarca apenas do povo israelita.

3.3 O SACRIFÍCIO DE ISAAC E A LUTA DE JACÓ COM DEUS

Para De Pury, a narrativa do sacrifício de Isaac (cf. Gn 22) se revela como um relato aterrorizador. Quando se menciona a figura de Abraão, normalmente o episódio mais evocado à mente é exatamente essa sua prova. Todavia, segundo De Pury, possivelmente essa narrativa parece ser a última acrescentada à forma canônica.⁹⁶

De Pury vê uma analogia nas narrativas bíblicas do sacrifício de Isaac de Gênesis 22 e o combate de Jacó no Jaboc (cf. Gn 32,23-33). No que se refere ao sacrifício de Isaac em Gênesis 22, dirá De Pury, a reposta é evidente em Gênesis 21. Conforme Gn 21,14, “vemos um Abraão constrangido e contrito que ‘se levanta de manhã cedo’ e dá pão e água a Hagar e ao seu filho, antes de despachá-los para o deserto.”⁹⁷ Estes aspectos, segundo De Pury, primeiramente no que diz respeito a expulsão de Hagar e seu filho, têm um sentido de afunilamento imposto pelos autores, dado que, para eles as narrativas até então, parecia-lhes abertas demasiadamente.

Todavia, em Gênesis 22, que para De Pury trata-se da sequência do drama que foi imposto pelos autores, é “o segundo filho dele, Isaac, a quem Abraão é convidado a renunciar. Ainda aí, ele ‘levantou-se de manhã cedo’ para entregar a Deus seu ‘filho [de agora em diante] único’”⁹⁸. Na visão de De Pury, a rejeição de um filho implica na perda do outro. Isso significa que, a escolha de Isaac em detrimento de Ismael será uma culpa imperdoável, com efeito, torna-se a perda do próprio Abraão. Esse fato implodirá numa grande falta de sentido existencial do patriarca.

Portanto, numa visão, segundo a teológica da Tradição Sacerdotal, a escolha de Israel como povo de Deus não deveria ser entendida como uma escolha exclusiva

⁹⁶Em sua forma canônica, os capítulos 12-36 do livro do Gênesis se inserem plenamente na grande narração que parte da criação do céu e da terra em Gênesis 1 e desfecha na morte de Moisés, na véspera da entrada dos israelitas na terra de Canaã em Deuterônimo 34, e que vai além do Pentateuco até os fim dos reinos de Israel (2Rs 17) e de Judá (2Rs 25). DE PURY, Albert. *Genesis 12 – 36*. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 168.

⁹⁷DE PURY, Albert. *Genesis 12 – 36*. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 190.

⁹⁸DE PURY, Albert. *Genesis 12 – 36*. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 190.

no sentido em que os outros povos são abandonados e só Israel tivesse esse direito. Se essa escolha fosse tomada como propriedade privada, sem sentido se tornaria – como se tornou – os atributos que foram confiados aos israelitas por Deus. Mas antes deve ser entendida, como uma tarefa, não se eximindo da sua exclusividade, a qual confere a responsabilidade de manifestar Deus às nações.

O combate de Jacó no Jaboc (cf. Gn 32, 23-33) se dá antes de ter que enfrentar seu irmão enganado. Jacó pensa que o combate com o irmão será seu último. No entanto, primeiro teve que enfrentar o próprio Deus. De Pury vê neste enfrentamento com Deus, uma volta de Jacó para si próprio, uma espécie de abismo interior.

Assim, esse enfrentamento com Deus por parte de Jacó e a renúncia de Abraão em relação a Isaac são relatos análogos. Isso significa que essas narrativas evidenciam a inquietação dos autores que, para De Pury, viram uma forte tendência entrópica nas tradições patriarcais. O acréscimo dessas narrativas à forma canônica confere-lhe uma maior dimensão universal, e salvaguarda as tradições de um fechamento exclusivista.

Essas colocações são coerentes com as afirmações de Von Rad, pois para ele as narrativas não têm um prisma unicamente histórico.

Essas histórias patriarcais não são relatadas unicamente numa perspectiva histórica, como narrativas do que aconteceu no passado, mas constituem principalmente o repositório das experiências e do conhecimento das gerações que foram transmitindo. Os narradores condensam frequentemente num trecho de alguns versículos apenas o resultado de uma história divina cujo alcance abrange desde o acontecimento narrado até o tempo em que eles próprios vivem.⁹⁹

Deste modo, para Von Rad, a estrutura narrativa expressa um afresco histórico, que sustenta e une as partes, as quais foram fornecidas pelos narradores antigos, o que possibilitou uma temática coesa num mosaico de narrativas coloridas.

⁹⁹VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**, p. 174.

3.4 ABRAÃO, O AMIGO DE DEUS (אַהֲבַ אֱלֹהִים)

Já foi brevemente visto neste trabalho o título atribuído a Abraão como “amigo de Deus”. Deste modo, será neste tópico visto mais alguns detalhes que nos ajudarão a aprofundar a reflexão sobre a figura de Abraão.

O título de fato, já se encontra na Bíblia, em Is 41,8: “E tu, Israel, meu servo, Jacó, a quem escolhi, descendência de Abraão meu amigo”. O título “amigo de Deus”, atribuído a Abraão, encontra-se em outros lugares no Antigo Testamento (2Cr 20,7; Dn 3,35 [LXX] e no Novo (Tg 2,3), assim como no Corão. Com efeito, a sutra IV, 124, diz: “Deus tomou Abraão por amigo”; daí seu título em árabe “Khalilullah”, “amigo de Deus”.¹⁰⁰

Para Ska, o título de Abraão “amigo de Deus” deve ser investigado a partir do sentido pelo qual ele foi empregado. Assim, um dado relevante para sustentar essa atribuição de “amigo de Deus” à Abraão seria a sua vocação dada por Deus e sua resposta, que conforme os dados bíblicos é quase que simultânea. Pois há muitos episódios na Bíblia que mostra Abraão respondendo a Deus sem demora, ou seja, Abraão tem um coração conformado com os desígnios de Deus. Haja vista, em Gn12,1-4, como também no relato do sacrifício de Isaac (Gn 22,1-19), na acolhida das três pessoas em (Gn18,1-5). Estas são passagens bíblicas que deixam evidente as afirmações de Ska.

Ska observa que, conforme a Carta de São Tiago, “Abraão merece o título de ‘amigo de Deus’ porque acreditou na promessa (‘Gn 15,6: ‘Abraão creu em Iahweh, e lhe foi tido em conta de justiça’).”¹⁰¹ Portanto, são muitos os locais bíblicos que denotam um comportamento generoso de Abraão para com Deus, isso o credibiliza, dotando-o de méritos significativos, os quais o tornam um modelo exemplar, digno de ser admirado tanto por Deus quanto para os leitores.

Todavia, Ska vê a existência de outro motivo para também atribuir a Abraão o título de “amigo de Deus”, mesmo que implícito. A saber, não aparece nos relatos conforme visto acima, mas é estabelecido na totalidade do ciclo das narrativas patriarcais. Esta dimensão tem uma nuance diversificada no que se refere aos textos bíblicos. Dado que, para o exegeta belga, há uma diversidade tanto de épocas quanto

¹⁰⁰SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 165.

¹⁰¹SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 165.

de mentalidade, assim ele nominará essa dimensão como “cumplicidade com Deus”. Esta cumplicidade, Ska a fundamentará na confiabilidade coadunada entre Deus e Abraão que nem mesmo o distanciamento causado pelos anos não terá capacidade de alterá-la.

Para justificar a sua teoria, o estudioso cita dois exemplos da vida de Abraão, que na sua concepção manifestam a cumplicidade do relacionamento de Abraão com Deus, sobretudo, no que diz respeito à capacidade de pedir coisas. Numa visão superficial parece impossível cumprir os pedidos de Deus feitos a Abraão. No entanto, Ska diz que há uma naturalidade no atendimento das exigências feitas por Deus a Abraão, ou seja, como se Deus tivesse certeza do cumprimento de suas exigências feitas a Abraão.

Primeiro dado bíblico que Ska cita como exemplo para uma de suas afirmações é Gn 12, 1: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de seu pai, para terra que te mostrarei.” É o primeiro chamado de Abraão. Para ter ideia do grau de dificuldade que deveria implicar a Abraão para dar uma resposta positiva a Deus, deve-se ter o conhecimento de como eram importantes a terra e a parentela no mundo antigo.

Para o mundo antigo viver sob os cuidados da parentela ou pertencer a um clã de uma determinada terra, significava ter a condição de cidadão. Isso implica segurança, ou seja, é algo bem diferente do que acontecia com quem era estrangeiro, pois este se encontra numa situação precária, configura-se a um indivíduo isolado entregue à própria sorte. Enquanto quem vive sob a tutela do clã goza de segurança jurídica. Deste modo, o pedido de Deus é que Abraão abandone toda segurança claramente estabelecida pelo vínculo familiar e se lance numa jornada obscura.

Portanto, para Tradição Sacerdotal, segundo Ska, esses dados bíblicos, sobretudo, no que diz respeito à trajetória de Abraão, de sua saída de Ur dos Caldeus em direção a Canaã (conforme Gn 11,3; cf. 12,5), ele, que vivia na segurança pelo fato de pertencer a um povo, transformou-se num estrangeiro. Por isso, “a terra de Canaã é sempre designada, no relato sacerdotal, como ‘terra das [vossas] migrações, e a condição de Abraão é a do estrangeiro, com estatuto jurídico inferior ao do habitante do país.”¹⁰²

¹⁰²SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 167.

Deus pede que Abraão dê um verdadeiro salto no vazio quando lhe pede que deixe sua terra, sua parentela e a casa de seu pai (Gn 12,1). Isso, não obstante, o patriarca não hesita em partir sem nenhuma garantia, a não ser a palavra de seu Deus. Geralmente a insistência recai sobre a fé e a obediência de Abraão. Poder-se-ia, em minha opinião, ressaltar igualmente a confiança de Deus em seu patriarca. Devia conhecê-lo bem para ousar pedir-lhe assumir tal risco.¹⁰³

O segundo dado bíblico que Ska cita é o “O sacrifício de Isaac”, que para ele seria mais adequado nominá-lo como “A prova de Abraão” (cf. Gn 22, 1). Esse relato, para o biblista belga, tem o mesmo teor de confiabilidade entre Deus e Abraão conforme o anterior: o pronunciamento de Deus a Abraão de que haveria de sacrificar seu filho, nota Ska, não tem nenhum preâmbulo de preparação para Abraão. A saber, Abraão poderia ter ficado escandalizado com a proposta de Deus, ninguém em sã consciência aceita sacrificar o filho. Não há também nenhuma espécie de persuasão que forçasse Abraão a cumprir a proposta. Ao contrário, há uma simplicidade na linguagem, que denota uma total confiança de Deus na resposta positiva de Abraão ao seu pedido.

Para o pesquisador belga, o que sustenta a concepção de sua teoria de cumplicidade é o comportamento de Abraão ao responder à proposta divina. “Não questiona, não protesta, não se rebela. Cumpre cada gesto como se fosse o mais banal da vida cotidiana.”¹⁰⁴ A atitude de Abraão dá a entender um forte laço de amizade para com Deus. É uma confiabilidade total, é perceptível um nível elevadíssimo de confiança, pois a ordem dada é imediatamente obedecida. Ska enfatiza também a ousadia de Deus em pedir a Abraão o sacrifício do filho. Pois é um ato recíproco de confiança, tanto de quem pede, quanto de quem atende ao pedido. Deus apostou e não ficou decepcionado, obteve a correspondência.

Outro dado relevante, na concepção do referido exegeta, no relacionamento de Deus e Abrão é o modo como Abraão é compreendido por Deus. Já foi visto no capítulo anterior alguns erros sobre a conduta de Abraão, no intuito de fazer distinção entre as alianças. Aqui ficam caracterizados os problemas morais de Abraão na sua relação com Deus, dado que, o comportamento errôneo de Abraão (cf. Gn 12,10-20; 20,1-18; também Gn16,1-16; como também Gn 17,17) é irrelevante. Pois Abraão não

¹⁰³SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 167.

¹⁰⁴SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 168.

é punido, ou seja, os erros cometidos por Abraão não afetam sua relação para com Deus.

Outro episódio que reforça ainda mais essa teoria de cumplicidade da relação entre Abraão e Deus é o pedido para que Deus amenize o castigo que iria atingir Sodoma e Gomorra. “Eu me atrevo a falar a meu Senhor” (Gn 18, 31). Tendo o conhecimento da ira divina eminente que destruiria as cidades e sabendo que lá encontrava seu sobrinho, Abraão se dirige a Deus com audácia. “Destruirás o justo com o pecador?” (Gn 18, 23). Ska nota que nessa atitude de Abraão diante da ação iminente divina há uma insistência do patriarca. Ele não se submete de forma passiva ao que está para acontecer nas cidades, mas intervém, audaciosamente na busca de salvar seu ente querido.

Portanto, o título atribuído a Abraão como “amigo de Deus”, trata-se de um atributo diversificado de nuances. Há relatos que denotam de forma mais evidente a dimensão familiar, em outros a dimensão da paciência de Deus, pois o mesmo demonstra um amor incondicional que não pune Abraão quando este comete desvios. O aspecto da confiabilidade fundamenta toda relação. No interior de tudo está sempre Deus que opera maravilhosamente em favor do homem.

3.5 RELAÇÕES GLOBAIS E PARTICULARIDADE DE ABRAÃO

Segundo De Pury, a Tradição Sacerdotal é a responsável para fazer de Abraão – posterior a Noé e anterior a Moisés – um ícone, no intuito de centralizar a sua reconstrução histórica. Deste modo, conforme esse biblista suíço, se não fosse a Tradição Sacerdotal, Abraão seria um personagem intercomunitário fixado em Hebron. E o que definiria isto, diz o mesmo estudioso, são as narrativas não sacerdotais de Gênesis 12–25, que explicariam com relevância ulterior a interpretação sacerdotal.

Estruturalmente a particularidade fornecida pela Tradição Sacerdotal, sobretudo, no que se refere à historicidade – humanidade; Abraão; Moisés – conseguirá atingir a sua finalidade só depois da construção do Pentateuco global, sendo que, isso é o que lhe servirá de base. “No começo, a clivagem Gênesis/Êxodo está, portanto, fundada na visão teológica de P. Segundo essa visão, a vocação de

Israel é antes de tudo de natureza sacerdotal.”¹⁰⁵ Essa afirmação de De Pury, se dá pelo fato de Israel pressupor uma humanidade que já teria o conhecimento de uma divindade única responsável pela criação. Diferente dos povos vizinhos, pois os mesmos eram politeístas.

O núcleo central dessa humanidade está na existência de uma família, que possui a prática da circuncisão. Deste modo, para o pesquisador suíço, Israel já reconhece o Deus de Abraão como seu Deus. Por isso, este estudioso afirma que não se encontra na Tradição Sacerdotal problemas que possam finalizar em debates com deuses de outros povos.

3.6 MOISÉS COMO ABRAÃO, AMIGO DE DEUS

No que se refere às alianças, há uma distinção explícita entre Abraão e Moisés: a diferença entre a questão sanguínea e a questão da lei, como foi visto no capítulo anterior.¹⁰⁶ Assim também, no que se refere à amizade com Deus existe uma grande distinção. Assim, abordaremos a questão para melhor evidenciar a forma como pode se dar essa distinção. Pois tanto Abraão quanto Moisés, segundo Ska (conforme Ex 33,11), podem serem vistos como “amigos de Deus”, apesar de que o modo como se dá essa amizade entre um e outro seja diferente.

Sendo assim, neste tópico será feita uma reflexão na figura exclusiva de Moisés distinguindo-o de Abraão no atributo que lhe é dado como “amigo de Deus”, conforme explica Ska. Para esse trabalho é imprescindível, pois para a construção histórica, conforme a Tradição Sacerdotal, da personagem ecumênica da pessoa de Abraão, Moisés é uma figura de suma importância. Pois é o principal responsável da formação do povo de Israel como nação.

Um destaque na literatura mosaica, segundo Ska, que tradicionalmente dá ênfase à figura de Moisés como “amigo de Deus”, é a passagem do Êxodo 33,11: “Iahweh, então, falava com Moisés face a face, como um homem fala com seu

¹⁰⁵DE PURY, Albert. Genesis 12 – 36. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**, p. 191.

¹⁰⁶Se o primeiro princípio deriva da ordem da natureza e dos vínculos de sangue, o segundo deriva da ordem da liberdade e da cultura, porque está fundado sobre o compromisso livre da aliança e sobre a promessa de observar a lei (Ex 24, 3-8). SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 109-110.

amigo” (רֵעוּהוּ literalmente = “seu companheiro”). Esta narrativa geralmente é a mais lembrada. Todavia, o exegeta belga nota que no sentido literal da forma hebraica não é bem assim.

O sentido original, porém, é levemente diferente, porque o texto hebraico utiliza a palavra que significa “companheiro”, “vizinho”, “próximo”. Ela é frequentemente utilizada em expressões idiomáticas que significam “um ao outro” e experimentam reciprocidade. O trecho, portanto, não implica necessariamente um relacionamento de amizade entre Deus e Moisés.¹⁰⁷

Na verdade, o biblista belga diz que o significado autêntico dessa passagem do Êxodo sobre a relação de Deus com Moisés tem essencialmente o escopo de enfatizar a interlocução entre Moisés e Deus: a saber, na comunicação entre os dois não havia mediação, quer dizer, ela era direta. Então, entendendo a etimologia da palavra como está no texto em hebraico dá a entender que, o sentido do texto não procura priorizar o que se refere à amizade, mas ao modo de comunicação entre Deus e Moisés.

O que sustenta esta ideia para Ska é o fato da regularidade que havia de ida de Moisés à tenda da Reunião para resolver questões com Deus a respeito do povo (Ex 33,9: “E acontecia que, quando Moisés entrava na Tenda, baixava a coluna de nuvem, parava à entrada da Tenda, e Ele (Deus) falava com Moisés”). Esse trecho mostra o teor da qualidade da conversa que havia entre Deus e Moisés. Pois é perceptível uma comunicação familiar entre ambos.

Outro dado bíblico para reforçar o nível de qualidade da interlocução entre Deus e Moisés são as passagens de Nm 12,6-8 e Ex 33,11. Há nessas passagens uma insistência em evidenciar a superioridade da comunicação dos dois. Pois as mesmas entram numa dinâmica de comparação de Moisés com os demais profetas, visto que, a estes a comunicação é feita mediante sonhos, revelações etc. “Com Moisés, Deus fala literalmente ‘boca a boca’, vale dizer, ‘face a face’, e não há mediações ou intermediários. Com os outros profetas, ao contrário, Deus comunica-se através de sonhos e visões.”¹⁰⁸ Portanto, Moisés goza de um privilégio que lhe é dado por Deus que a nenhum dos outros profetas foi atribuído.

Voltando a questão da amizade, segundo Ska, como já foi visto, o texto no seu sentido original, inicialmente denota uma exclusão aparentemente no que diz respeito

¹⁰⁷SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 172-173.

¹⁰⁸SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 174.

à amizade de Deus com Moisés. É bem verdade, que o texto no seu sentido literal a princípio procura priorizar a necessidade imediata da comunicação de Deus com Moisés. No entanto, isso não elimina o relacionamento amigável que existe entre Deus e Moisés. Como será esclarecido com outros dados bíblicos, no sentido de investigar a natureza dessa amizade.

Segundo o exegeta belga, essa relação interlocutiva a princípio dá ideia de um relacionamento funcional como acontece a um empregado que serve a um patrão, sendo esse funcionário de total confiança, ou seja, um administrador fiel ao qual o patrão confia todos os seus bens. Não obstante, não é só disso que se trata a relação de Deus com Moisés, mas de um vínculo de amizade, mesmo que com uma nuance diferente do modo como se deu com Abraão.

Para o pesquisador citado, o texto que deixa mais evidente a amizade de Deus com Moisés é a narrativa do bezerro de ouro. Conforme Ex 32, 1, este relata a falta de paciência do povo por causa da demora de Moisés na montanha. Deste modo, em Ex 32,2 o povo pede a Aarão para fazer-lhe um deus que vá a frente deles desprezando assim, tanto Moisés quanto o próprio Deus. Essa atitude do povo provoca a cólera de Deus, o qual de imediato quer destruí-lo por causa da dureza de seu coração, conforme Ex 32,9-10. E Deus também, pretende fazer a partir de Moisés uma nova nação, contudo, Moisés intercede a Deus pelo povo (cf. Ex 32,11-13).

Ska aponta além desses dois argumentos, também dois elementos fundamentais que torna relevante a relação da amizade de Deus com Moisés, como se vê na citação seguinte:

São dois os argumentos principais no arrazoado de Moisés. De um lado, apela ao senso de honra de seu Deus: “O que dirão os egípcios?”. Na sociedade antiga, honra e vergonha eram os dois polos principais da vida social, e é normal, portanto, mostrar qual era o comportamento respeitável a qual podia causar vergonha. Também Deus, de acordo com a exortação de Moisés, deve respeitar certa hierarquia de valores, principalmente diante dos egípcios, “a primeira potência mundial” no imaginário bíblico.¹⁰⁹

A citação fala dos elementos honra e vergonha, que diz respeito a um dos argumentos (cf. Ex 32,11-13); o outro argumento é a recordação da promessa de Deus feita aos patriarcas. Para o estudioso, essa recordação se trata de uma iniciativa

¹⁰⁹SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**, p. 176-177.

humana e não divina. Assim, é admirável a atitude de Moisés, pois Deus mesmo poderia ter se feito dele patriarca de outro povo, um povo segundo a vontade e Deus, já que Israel, por causa da idolatria, seria destruído. Não obstante, além de recusar a se tornar um patriarca, no grau de amizade Moisés se põe numa posição secundária em relação a Abraão.

Portanto, sem intenção de aprofundar demasiadamente neste assunto, devido não ser o foco deste trabalho, no entanto, conforme Ska é esclarecida a amizade de Moisés com Deus. Pois somente num relacionamento amigável seria possível se dirigir a Deus como fez Moisés e vice e versa.

Como vimos neste capítulo, conforme a Tradição Sacerdotal, Abraão é tido como uma figura ecumênica no intuito de assegurar para o povo de Israel uma unidade – não se trata só da sua própria unificação –, mas também a sua missão perante os povos estrangeiros, ou seja, mostrar ao mundo o Deus único. Para isso, vimos elementos dos livros em sua composição global no Pentateuco, e também dos livros proféticos que nos dão evidências dessa dimensão. Os atributos que são feitos a Abraão, conforme os dados bíblicos, nos permitem elucidar tanto elementos globais, que diz respeito a toda humanidade, quanto particulares, àquilo toca exclusivamente a nação israelita.

A figura de Moisés não poderia de modo algum ficar ausente deste trabalho, por isso, conforme o trajeto que estabelece o livro Pentateuco, na composição global de seus vários livros, finalizando com o livro do Deuteronômio na pessoa de Moisés. Procuramos também exercer esse caminho. Obviamente, dado a importância que é a figura de Moisés para a nação israelita, o pequeno tópico dirigido a sua pessoa não tem o intuito de ser demasiado exaustivo, mas finaliza corroborando com a primazia ecumênica de Abraão que é o eixo deste trabalho.

CONCLUSÃO

A pesquisa deste trabalho procurou desenvolver a trama da Tradição Sacerdotal no Pentateuco e torno da Figura de Abraão. Sendo assim, teve o intento de mostrar a Tradição Sacerdotal como uma fonte literária, que apesar de ter como base fontes mais antigas, todavia, consegue por sua metodologia dar a elas um sentido próprio. A saber, proporciona um novo afresco às narrativas bíblicas. Seu objetivo é ressignificar a religiosidade israelita, que praticamente estava se perdendo, como consequência da submissão que fora imposta pelo império babilônico.

O sentido próprio que tem a Tradição Sacerdotal lhe confere uma estatura de fonte literária, por causa da originalidade e independência – embora essa independência seja relativa. No entanto, o reconhecimento dessa postura, em relação a Tradição sacerdotal, não é unânime, há estudiosos que discordam desta possível posição da literatura sacerdotal. Não obstante, a rejeição procedida por alguns biblistas à posição da Tradição Sacerdotal como fonte literária original e independente, muito contribuiu para a construção deste trabalho, dado que as contraposições nos levam a reflexões minuciosas.

Assim, mesmo havendo essa discordância, não tira desses biblistas a contribuição que deram para a exegese bíblica, visto que, a competência e capacidade de especulação que é atribuída a eles, deixa um legado, ou um arcabouço de “ricas iguarias” para exegese bíblica, como foi visto neste trabalho. Logicamente os temas aqui explanados, estão longe de ter uma posição definitiva, se é que algum dia possa ter, pois a Bíblia é uma fonte inesgotável de mistérios, tanto exegéticos quanto teológicos, pois quanto mais ela se revela mais tem a se revelar.

A figura de Abraão, sobretudo, no seu sentido ecumênico, conforme foi a intenção de pesquisa deste trabalho com base na Teologia Sacerdotal, possibilita uma reflexão para a atualidade. Na qual, muitas vezes, é perceptível rupturas e conflitos entre religiões a ponto de chegar ao extremismo fanático gerando guerras e mortandade. Com efeito, o intuito da figura paterna de Abraão, conforme utilizada pela Tradição Sacerdotal, foi unir o povo israelita disperso após o exílio da Babilônia, conforme é notável em alguns dados bíblicos. Ainda mais, nos acréscimos possivelmente colocados pelos sacerdotes. O resultado foi que, a partir de então, houve certa abertura do povo de Israel, que muitas vezes se encontrava fechado num

nacionalismo absoluto, excluindo os povos estrangeiros. Por isso, a personagem do patriarca pode servir de inspiração para o diálogo inter-religioso, pois na atualidade ele é muito respeitado pelas maiores religiões monoteísta.

Os sacerdotes tornaram a figura de Abraão um epónimo universal, tanto para a nação israelita quanto para os povos estrangeiros. No que toca os povos estrangeiros, seu filho Ismael fruto da relação de Abraão com a escrava Agar, confirma essa dimensão, dado que, Ismael não deixa de receber os benefícios da sua filiação paterna, mesmo que em segundo plano. Lot também usufrui da ligação com Abraão, ainda que tenha sido um parente mais afastado. Os filhos de Cetura (Gn 25, 1-6) e por fim Esaú, todos são excluídos da promessa feita a Isaac. No entanto, todos eles fazem parte da família de Abraão, mesmo não estabelecendo entre eles laços harmoniosos.

Não obstante, o povo de Israel não perde de forma alguma a predileção de povo escolhido, mesmo assim conforme foi enfatizado, essa escolha não é em detrimento dos estrangeiros. O fato de ser povo escolhido e até identificado como “nação santa” o remete a uma tarefa, que é justamente ser o sinal de Deus para o mundo. Esses elementos, portanto, confere ao povo de Israel uma identidade singular. Deste modo, a Teologia Sacerdotal faz de Abraão um ícone.

A ideia dos sacerdotes era dar ao povo de Israel uma referência, visto que, por causa do longo período de permanência no exílio da babilônia, os israelitas já estavam perdendo as características originais de uma nação, adotando os costumes e práticas do povo estrangeiro. Quer dizer, eles estavam se desfigurando e aderindo aos costumes sociais como também religiosos, principalmente, no que se refere adesão aos deuses pagãos. Assim, os sacerdotes tomaram como paradigma a aliança patriarcal, já que a aliança mosaica havia sido violada.

A aliança patriarcal, a partir de Abraão, serve como um caminho pedagógico para reconstrução do povo de Israel no intuito de posteriormente conduzi-los novamente a fidelidade da aliança mosaica. Logo, o rompimento com a aliança mosaica nos remete a imiscuir um pouco sobre a figura de Moisés. Não obstante, como foi visto, mesmo tendo uma relação estrita com Deus, Moisés não se vangloriou dessa relação. Ao contrário, pois mesmo podendo-se fazer patriarca. (cf. Ex 32, 11-13). No entanto, toma uma atitude de humildade eleva a figura de Abraão, se colocando a um nível inferior. Em outras palavras, é salvaguardada a imagem de Abraão como o maior patriarca de Israel.

Em Abraão é reconhecida uma dimensão universal, pois o mesmo se tornou patriarca dos judeus, dos prosélitos judeus e dos cristãos, posteriormente patriarca também do Islão. Portanto, esse trabalho teve a perspectiva de dar ênfase a essa dimensão, conforme a fundamentação da literatura sacerdotal, mesmo que ela não tenha tido como objetivo fundamental de alcançar outros povos, todavia, com o seu desenvolvimento teórico possibilitou a expectativa de apontar Abraão como um patriarca ecumênico.

A Tradição Sacerdotal, partindo dos sacerdotes exilados na Babilônia, ao desenvolver sua teologia, a partir do patriarca Abraão, oferece uma dimensão inaudita. Como foi visto no início deste trabalho, o alcance de possibilidade de interação entre as religiões transpassa o núcleo monoteísta, visto que, Abraão dialogava com povos politeístas, sem contudo, perder a sua identidade que havia adquirido pela manifestação divina em sua história. Com isso, ele pode ser apontado como patriarca dos homens.

Portanto, a Tradição Sacerdotal deixa um legado que está longe de ser exaurido, mas que pode ser cada vez mais aprofundado na pesquisa e remete a contemporaneidade numa perspectiva esperançosa de reconciliação. Uma unidade na diversidade, pois essa complexidade é próprio da natureza humana. Não obstante, deve prevalecer o respeito mútuo dentro da liberdade que pertence ao direito de cada ser humano.

REFERÊNCIA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**. São Paulo: Paulinas, 2016.

DE PURY, Albert. Gênesis 12–36. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

DE PURY, Albert. **O Pentateuco Em Questão**, Petrópolis: Vozes, 2002.

NIHAN, Christophe e ROMER, Thomas. O Debate Atual Sobre a Formação do Pentateuco. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

MACCHI, Jean Daniel. Êxodo. In. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

MARQUES, Mariosan de Sousa. **Da Reverência ao serviço, da Incredulidade ao Temor: um Estudo Crítico-Narrativo de Gn 18, 1-15**. Goiás: Espaço Acadêmico, 2016.

RENDTORFF, Rolf. In. DE PURY, Albert. **O Pentateuco Em Questão**, Petrópolis: Vozes, 2002

ROMER, Thomas. A Formação do Pentateuco: História da Pesquisa. In. ROMER, Thomas, MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

ROMER, Thomas, MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

SKA, Jean Louis. **O Canteiro do Pentateuco**. São Paulo: Paulinas: 2016.

SKA, Jean Louis, **Introdução a Leitura do Pentateuco**. São Paulo: Loyola, 2003.

SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos Últimos Dez Anos. In. CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**. São Paulo: Paulinas, 2016.

SHÖKEL L. Alonso. SICRE, Dias J.L. **Profetas I**. São Paulo. Paulinas, 1988

SHÖKEL L. Alonso. SICRE, Dias J.L. **Profetas II**. São Paulo. Paulinas, 1991

UEHLINGER, Christoph. Genesis de 1 – 11. *In*. ROMER, Thomas. MACCHI, Jean Daniel. NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**. Loyola, 2010.

VAN SETERS, John. *In* CARNEIRO, Marcelo da Silva. OTTERMANN, Mônica. DE FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Pentateuco da Formação à Recepção**. São Paulo: Paulinas, 2016.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vozes. 1973.

WILFRID, J. Harrington. **Chave Para Bíblia A Revelação, A Promessa, A Realização**. São Paulo: Paulus, 2016.